

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,**  
**EXTENSÃO E CULTURA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE**  
**CIÊNCIAS E BIOLOGIA**

**NATHALIA RAMOS DE OLIVEIRA FALSIA**

**EDUCAÇÃO SEXUAL:**  
Análise de conteúdo do livro de Ciências do 8º ano  
adotado no Colégio Pedro II

Rio de Janeiro  
2021

**NATHALIA RAMOS DE OLIVEIRA FALSIA**

**EDUCAÇÃO SEXUAL:**

Análise de conteúdo do livro de Ciências do 8º ano  
adotado no Colégio Pedro II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Biologia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências e Biologia.

Orientadora Professora Dra. Fabiana Pellegrini  
Caramaschi

Rio de Janeiro

2021

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

F197 Falsia, Nathalia Ramos de Oliveira

Educação sexual: análise de conteúdo do livro de Ciências do 8º ano adotado no Colégio Pedro II / Nathalia Ramos de Oliveira Falsia. - Rio de Janeiro, 2021.

96 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências e Biologia) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Fabiana Pellegrini Caramaschi.

1. Biologia – Estudo e ensino. 2. Educação sexual. 3. Análise de conteúdo. 4. Base Nacional Comum Curricular. I. Caramaschi, Fabiana Pellegrini. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 570

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

**NATHALIA RAMOS DE OLIVEIRA FALSIA**

**EDUCAÇÃO SEXUAL:**

Análise de conteúdo do livro de Ciências do 8º ano  
adotado no Colégio Pedro II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Biologia vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências e Biologia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Dra. Fabiana Pellegrini Caramaschi (Orientadora)  
Colégio Pedro II

---

Dr. Luiz Gustavo Vargas Salgado  
Colégio Pedro II

---

Dra. Débora de Aguiar Lage

CAP-UERJ - UERJ

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força e determinação para chegar ao final desse curso de especialização, mesmo depois de todos os momentos conturbados que passamos com pandemia, tantas mortes e gestores públicos ineficientes. Também, pela saúde da minha família, que com isso eu pude me dedicar a esse trabalho.

À minha família, principalmente aos meus pais, Marcia e Giuseppe, por estarem sempre apoiando meus estudos e por terem me ensinado que a educação é a única coisa que ninguém nunca irá tirar de você. Durante toda a minha vida, eles sempre me deram suporte para que eu tivesse as melhores qualificações possíveis para o meio acadêmico e profissional.

Aos meus amigos, que me suportaram reclamando dia após dia de ter que lidar com todas as demandas, enquanto conciliava trabalho e estudo. Em especial meus amigos queridos da pós, que fizeram com que eu conseguisse levar essa especialização de maneira tranquila e leve. Nossas sextas eram ótimas, vocês tornaram cada apresentação, lanche da tarde e pós aula muito especiais. Gostaria de citar alguns (em ordem alfabética para não gerar falsa impressão de preferência – risos): Isabela, Larissa, Makaullyn, Mariana e Rafaela.

Aos professores do curso, que tornaram as aulas muito produtivas e me transformaram quanto professora. Hoje sou uma profissional melhor graças a vocês. Agradecimento especial a Fabiana, que me orientou nesse trabalho, esteve comigo nos momentos em que fiquei em dúvida se daria tempo ou não de entregar esse trabalho. E a Paula, que me orientou durante um período e fez contribuições muito significativas para que esse trabalho ganhasse o escopo que teve.

Não poderia deixar de agradecer à banca, por ter topado fazer parte da avaliação e do enriquecimento do material. Ouvirei cada sugestão e crítica construtiva, buscando sempre melhorar esse material.

E, por fim, ao Colégio Pedro II que foi minha casa no Ensino Médio, no Especialização e, agora, no Mestrado Profissional., pelo ensino público de qualidade que sempre tive. “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Paulo Freire).

*pela enésima vez o Brasil redescobre a  
Educação Sexual  
(Carmen da Silva)*

## RESUMO

FALSIA, Nathalia Ramos de Oliveira. **Educação Sexual**: análise de conteúdo do livro Ciências do 8º ano adotado no Colégio Pedro II. 2021. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências e Biologia) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2021.

A sexualidade é inerente à vida e sofre interferências das mais variadas esferas da sociedade, tais como família, escola, mídia, amigos e religião. A forma com que essa sexualidade se expressa dependerá da sociedade, tempo e espaço, que atravessam o indivíduo. A escola, enquanto espaço de convívio social, de formação de identidade e responsável pelo ensinar de crianças, adolescentes e jovens, é uma potência para o ensino da Educação Sexual (ES). Durante o século XX até os dias atuais, a ES é voltada para o ensino de Biologia, com temas como: sistema genital, hormônios sexuais, características secundárias sexuais, gravidez, infecção sexualmente transmissível (IST). A partir da década de 1990, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), outros assuntos transpassam a ES, como a orientação sexual e gênero, mesmo que de maneira incipiente. Nos dias atuais, com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), vê-se o retrocesso, com a retirada dos termos citados, que eram presentes no currículo anterior. Entretanto, os maiores norteadores são os livros didáticos adotados por cada instituição de ensino. O presente trabalho se propõe a investigar o livro de Ciências do 8º ano da coleção Apoema da Editora Brasil, que foi adotado no Colégio Pedro II para o triênio 2020-22 dentro do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), e compará-lo com o Projeto Político Pedagógico da Instituição (PPPI). A metodologia consiste em categorizar, através da análise de conteúdo, os achados do livro em biologizante-higienista e psicossocial-cultural. Como resultado, tem-se a porcentagem de termos pertinentes, para a ES, alocados em cada categoria. O primeiro capítulo, “A reprodução”, se encaixa na primeira categoria, visto que faz referência a reprodução dos seres vivos. O segundo capítulo, “Sexualidade e vida”, é o que mais aborda a categoria psicossocial-cultural, com 32%, dentre as temáticas mais abundantes tem-se a adolescência, os estereótipos de gênero e o *bullying*. No capítulo seguinte, “Da concepção ao nascimento”, o índice cai para 7% e a categoria biologizante-higienista soma 93%, uma vez que se dedica a detalhar a fisiologia e anatomia reprodutora. No último, “Saúde e sexualidade”, ocorre 17% psicossocial-cultural e 83% biologizante-higienista, os assuntos mais abordados são IST e métodos contraceptivos, contudo há um cuidado em versar temas sensíveis, como o preconceito sofrido por uma pessoa que testou positivo para o vírus HIV. Com relação ao PPPI, o conteúdo programático de Ciências do 8º ano é biológico e higienista, ficando a cargo de outras disciplinas o debate, principalmente Ciências Sociais, que se dedica a abordar juventude e identidade. Infere-se, portanto, que o livro possibilita a abordagem de assuntos sensíveis da sociedade, por mais que faça de maneira inconsistente pela falta de representatividade e de diversidade no texto, e que o conteúdo programático da instituição, previsto pelo PPPI, acompanha um viés mais conservador da Educação Sexual em Ciências, uma vez que se encontra desatualizado.

**Palavras-chave:** Educação Sexual. Livro didático. Análise de conteúdo. Biologizante-higienista. Psicossocial-cultural.

## ABSTRACT

FALSIA, Nathalia Ramos de Oliveira. **Educação Sexual**: análise de conteúdo do livro Ciências do 8º ano adotado no Colégio Pedro II. 2021. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências e Biologia) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2021.

Sexuality is inherent in life and it is affected by different areas of society such as family, school, media, friends and religion. The way sexuality is shown will vary according to the Society, time and place in which the individual is. The school, where social interactions take place and individuals construct identities, is also responsible for teaching youngsters, so it has been powerful to teach Sexual Education (SE). Since the twentieth century, studies have shown that SE is aimed at teaching Biology and its topics like genital system, sex hormones, secondary sexual characteristics, pregnancy and sexually transmitted infections (STI). From the 1990s onwards, due to the Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), other issues as sexual orientation and gender have permeated SE, even though it is incipient. Nowadays, because of the Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a setback has been noticed with the omission of such issues, which were available in the previous curriculum. It is known, however, that the major guidelines are the textbooks adopted by each educational institution. The main aim of this study is to investigate the Science book used by 8<sup>th</sup> graders from the Apoema collection by Editora Brasil, which was adopted in Colégio Pedro II between 2020 and 2022 in the Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), and compare it to the Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI). The methodology consists of categorizing the findings of the book in biological-hygienist and psychosocial-cultural categories through content analysis. The result is the percentage of pertinent terms for the SE in each category. The first chapter “The reproduction” belongs to the first category since it refers to the reproduction of living beings. The second chapter “Sexuality and life” is the one that focuses the most on the psychosocial-cultural category with 32% of the findings and among them there are adolescence, gender stereotypes and bullying. In the following chapter “From conception to birth”, the rate decreases to 7% and the biologizer-hygienist category sums 93% once its main focus is to detail the reproduction physiology and anatomy. In the last chapter “Health and sexuality”, 17% of the psychosocial-cultural category and 83 % of the biologizer-hygienist one take place and the subjects raised more frequently are sexually transmitted infection (STI) and contraceptive methods. Nonetheless, there is some caution in dealing with sensitive issues such as the prejudice against someone who was infected with the HIV virus. Regarding the political pedagogical project (PPPI), the Science syllabus for 8<sup>th</sup> graders is biological and hygienist. As a consequence, other school subjects, especially Social Science, are supposed to discuss about youth and identity. Therefore, the book enables to address sensitive issues in society, event in an inconsistent way due to the representativeness and diversity within the text. Also, the programmatic content

of the institution, provided for by the PPPI, follows a more conservative bias of Sex Education in Science, since it is outdated.

**Keywords:** Sexual Education. Textbook. Content analysis. Biological-hygienist. Psychosocial-cultural.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Capa do livro da coleção APOEMA do 8º ano da Editora Brasil na versão Manual do Professor.....	42
<b>Figura 2:</b> Sumário da unidade 1 - “Vida e reprodução” do livro do 8º ano.....	438
<b>Figura 3:</b> Nuvem de palavras – Capítulo “A reprodução” .....	40
<b>Figura 4:</b> Nuvem de palavras - Capítulo “Sexualidade e vida” .....	49
<b>Figura 5:</b> Nuvem de palavras - Capítulo “Da concepção ao nascimento” .....	54
<b>Figura 6:</b> Nuvem de palavras - Capítulo “Saúde e sexualidade” .....	59
<b>Figura 7:</b> Jogo dos papéis .....	72
<b>Figura 8:</b> "No caderno" .....	69
<b>Figura 9:</b> Sexualidade na mídia.....	70
<b>Figura 10:</b> Desmontando tabus .....	81
<b>Figura 11:</b> "Viver" .....	86

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Frequência e categorização das palavras-chave encontradas no capítulo 1.....	4540
<b>Tabela 2:</b> Frequência e categorização das palavras-chave encontradas no capítulo 2.....	45
<b>Tabela 3:</b> Frequência e categorização das palavras-chave encontradas no capítulo 3.....	50
<b>Tabela 4:</b> Frequência e categorização das palavras-chave encontradas no capítulo 4.....	54

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> BNCC versão Excel dos Conhecimentos e Habilidades do componente Ciências com a temática sexualidade para o 8º ano. ....	30
<b>Quadro 2:</b> Habilidades de Ciências para o oitavo ano do Ensino Fundamental segundo a temática vida e evolução .....	35
<b>Quadro 3:</b> Conteúdo programático de Ciências do 8º ano no Projeto Pólitico Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, em vigência (2017-2020) .....	81
<b>Quadro 4:</b> Conteúdo programático de Ciências Sociais do 8º ano no Projeto Pólitico Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, em vigência (2017-2020) .....	82
<b>Quadro 5:</b> Conteúdo programático de História do 8º ano no Projeto Pólitico Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, em vigência (2017-2020) .....	83
<b>Quadro 6:</b> Conteúdo programático de Artes Visuais do 8º ano no Projeto Pólitico Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, em vigência (2017-2020) .....	84
<b>Quadro 7:</b> Conteúdo programático de Português do 8º ano no Projeto Pólitico Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, em vigência (2017-2020) .....	85

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Frequência da categorização do capítulo 1 .....	472
<b>Gráfico 2:</b> Frequência da categorização do capítulo 2 .....	538
<b>Gráfico 3:</b> Frequência da categorização do capítulo 3 .....	572
<b>Gráfico 4:</b> Frequência da categorização do capítulo 4 .....	627
<b>Gráfico 5:</b> Taxa de detecção de AIDS (por 100.000 hab.) segundo faixa etária e sexo. Brasil, 2009 e 2019 .....	847
<b>Gráfico 6:</b> Distribuição percentual dos casos de AIDS em homens de 13 anos ou mais segundo categoria de exposição, por ano de diagnóstico. Brasil, 2009 a 2019. ....	858

## LISTA DE SIGLAS

AI-5	Ato Institucional nº 5
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAESOS	Centro Avançado de educação para a Saúde e Orientação Sexual
CALDEME	Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
COLTEC	Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático
DST	Doença Sexualmente Transmissível
EDUSEX	Associação Brasileira de Educação Sexual
ES	Educação Sexual
EUA	Estados Unidos da América
FENAME	Fundação Nacional do Material Escolar
FSH	Hormônio Folículo Estimulante
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
GLD	Guia do Livro Didático
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HPV	Papiloma Vírus Humano
INL	Instituto Nacional do Livro
IST	Infeção Sexualmente Transmissível
LD	Livro Didático
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LH	Hormônio Luteinizante
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação e Cultura

OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PLD	Programa do Livro Didático
PNE	Plano Nacional da Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPPI	Projeto Político Pedagógico da Instituição
RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
WAS	<i>Word Association for Sexual Health</i>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>25</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>26</b>
<b>4. A EDUCAÇÃO SEXUAL, O CURRÍCULO E O LIVRO DIDÁTICO .....</b>	<b>29</b>
<b>4.1. Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Sexual .....</b>	<b>29</b>
<b>4.2. A Base Nacional Comum Curricular e a Educação Sexual .....</b>	<b>31</b>
<b>4.3. Programa Nacional do Livro Didático .....</b>	<b>35</b>
<b>5. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>38</b>
<b>6. RESULTADOS.....</b>	<b>42</b>
<b>6.1. Unidade “Vida e reprodução” – Capítulo “A reprodução” .....</b>	<b>44</b>
<b>6.2. Unidade “Vida e reprodução” – Capítulo “Sexualidade e vida” .....</b>	<b>47</b>
<b>6.3. Unidade “Vida e reprodução” – Capítulo “Da concepção ao nascimento” .....</b>	<b>53</b>
<b>6.4. Unidade “Vida e reprodução” – Capítulo “Saúde e sexualidade” ...</b>	<b>57</b>
<b>7. DISCUSSÕES.....</b>	<b>63</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>99</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O recorte aqui pretendido, para elucidar os meandros da Educação Sexual (ES) no Brasil, tem início do século XX e continua até os dias atuais, pois, para começar a contar essa história, no Brasil, deve-se analisar as décadas de 1920 e 1930, onde surgiram os primeiros trabalhos sobre a temática (FIGUEIRÓ, 1998; ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009). No início do século XX, a Educação Sexual teve um foco no controle epidemiológico (FURLANETTO *et al*, 2018). A institucionalização dos saberes sexuais foi de ordem médica – aquela que se preocupa com doenças, anatomia, fisiologia, biologia, saúde física e mental -, o que faz com que se conceitue como higienista e, como a medicina brasileira da época entra fundamentada em autores europeus, as especificidades raciais foram uma justificativa para uma Educação baseada também na eugenia, que buscava a pureza moral e cívica da sociedade (RIBEIRO, 2009).

Esse interesse inicial, que foi idealizado por educadores e médicos, estava atrelado à saúde da mulher, uma vez que emergiam nessa sociedade oportunidades educacionais, sem que houvesse, por hora, a preocupação de reestruturação dos papéis de gênero (FIGUEIRÓ, 1998), além de coibir doenças venéreas e a masturbação (OLIVEIRA, 2009).

A primeira tentativa de inserção curricular, da ES higienista, data de 1930, no Colégio Batista do Rio de Janeiro, que continuou por alguns anos até que o professor responsável foi demitido e processado, devido à pressão religiosa (FIGUEIRÓ, 1998 e BUENO; RIBEIRO, 2018).

Já em 5 de julho de 1933, foi criado o Círculo Brasileiro de Educação Sexual por José de Albuquerque, que por duas décadas publicou livros, ofereceu palestras e divulgou de diversas formas a Educação Sexual no Brasil. Sua importância na divulgação dos conhecimentos sobre sexualidade é inquestionável, atingindo inúmeras pessoas em um programa de rádio na Hora do Brasil. José de Albuquerque indicava que os conteúdos fossem abordados naturalmente nas disciplinas Biologia e Higiene, partindo pelo pressuposto de que o sexo é algo natural (RIBEIRO 2009).

Ainda que, entre 1930 e 1950, tenha havido tentativas de contraposição por autores não religiosos, que defendiam a Educação Sexual (BUENO; RIBEIRO, 2018). Por conta da pressão religiosa, pouco tempo antes de 1960, apenas escolas protestantes ou não religiosas tiveram algumas experiências, não muito expressivas, vista tamanha influência por parte da Igreja Católica (FIGUEIRÓ, 1998).

Desde a década de 1950, o Ensino de Biologia no Brasil passa por transformações constantes, que são intrinsecamente influenciadas pelas mudanças política, cultural e histórica do país. Segundo Krasilchik (2000), até 1950, a disciplina Biologia no Ensino Secundário brasileiro se referia à “história natural” e apresentava uma forte influência europeia, devido ao uso de livros didáticos oriundos deste continente e à presença de professores estrangeiros no Brasil. A tendência desse período, em relação à Educação Sexual, era punitiva, e a Igreja Católica funcionava como um freio para as ações informativas e manifestações da sexualidade por parte dos alunos (ROSEMBERG, 1985).

Contudo, a centralização das decisões para a emissão de normas e regulamentos estava nas mãos do Estado e esse marco inicial da década de 1950, citado anteriormente como um início de base curricular, permanece sendo sentido em surtos reformistas que refletem diferentes objetivos da educação por parte dos governantes (KRASILCHIK, 2000). Ou seja, o ciclismo administrativo, isto é, as mudanças curriculares sofridas a cada gestão administrativa, não só permanece, como foi intensificado nas últimas gestões públicas e são sentidas de maneira mais enérgica até a criação de uma padronização de um currículo nacional.

Entre 1962 e 1965 houve o Concílio Vaticano II, que objetivou a modernização da igreja para o retorno dos fiéis afastados. Por conta dele, os colégios católicos sofreram mudanças e começaram a desenvolver programas de Educação Sexual, de maneira não homogênea, mas é uma das décadas com mais publicações sobre o ensino da referida temática (FIGUEIRÓ, 1998).

Durante toda a década de 1960, com um maior aval da Igreja Católica e com modificações populares, como se viu nos meios culturais, políticos e sociais da época, ocorre a implementação de programas de Educação Sexual em

algumas escolas, que emergiram a partir das demandas da população (BUENO; RIBEIRO, 2018). Na sociedade da época, surgia a pílula anticoncepcional, a Revolução Sexual e o Movimento Hippie (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019). Esse conjunto de movimentos sociais não foi sentido apenas nas escolas particulares, mas também em escolas públicas de grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo horizonte (FIGUEIRÓ, 1998; ROSEMBERG, 1985).

Todos os progressos observados até então foram perdidos com a chegada do golpe de 1964 e com a Ditadura Militar. Às vésperas dessa virada, a sociedade brasileira vivia uma efervescente liberdade e representatividade por movimentos culturais com conteúdo crítico. Esses movimentos, além de grupos feministas internacionais e estudantis, visavam uma maior liberdade sexual (BUENO; RIBEIRO, 2018). O movimento feminista no início da década de 1970 foi um grande impulsionador do sentimento de autonomia e liberdade (SANTOS, 2009), ainda mais se fizermos uma contraposição à Educação Sexual da década de 1920, que ensinava como ser uma boa esposa.

O Golpe Militar afetou negativamente os progressos, ao provocar, através de denúncias, o fechamento de escolas e o início da caça aos professores que continuavam a falar sobre Educação Sexual de maneira semiclandestina (FIGUEIRÓ, 1998; BUENO; RIBEIRO, 2018). Em 1965, devido às políticas de planejamento familiar que pretendiam o aumento da natalidade, Ataliba Nogueira, Secretário de Educação de São Paulo, vetou que professores pudessem falar sobre métodos contraceptivos e controle de natalidade, o que interferia nos programas que vinham sendo desenvolvidos com a vertente médico-científica/ biologizante (FIGUEIREDO, 1998).

Neste cenário, a deputada Júlia Steinbruck, à época filiada ao partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB-RJ), apresentou um projeto de lei, em 1968, que propunha a inclusão obrigatória da Educação Sexual nos currículos de 1º e 2º graus (FIGUEIRÓ, 1998; BUENO; RIBEIRO, 2018), que em um primeiro momento teve apoio de parlamentares, intelectuais e educadores (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009). Contudo, a Câmara dos Deputados recusou de maneira unânime o debate nas escolas, encaminhando o projeto de lei para a Comissão Nacional de Moral e Civismo, que deu um parecer negativo e indicou

a exclusão da temática nas escolas por colocar em risco a “pureza” e a “inocência” dos estudantes ao estudar sexualidade.

Tais pareceres foram largamente divulgados pela imprensa (BUENO; RIBEIRO, 2018; ROSEMBERG, 1985). Esse movimento impactou negativamente as escolas públicas, fazendo com que experiências ligadas à Educação Sexual deixassem de existir após ação da Comissão (ROSEMBERG, 1985).

Nos anos seguintes a censura aumentou, quando o Congresso Brasileiro oficializou, em 1970, a restrição de conteúdos prévios em livros e jornais (FIGUEIREDO, 1998), devido à decretação do *Ato institucional n° 5 (AI-5)* de 1969, que retirava de impressão e circulação o que iria contra a moral e aos bons costumes (BUENO; RIBEIRO, 2018; ROSEMBERG, 1985). Nesse ponto mais crítico da ditadura, no qual vingou o ideal autoritário e moralista, professores passam a ser estritamente vigiados pelo Estado e a sexualidade foi associada à “subversão”, terminantemente proibida para crianças e adolescentes (BUENO; RIBEIRO, 2018).

Todavia, surpreendentemente, na década de 1970, alguns programas foram implementados, uma vez que na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para o ensino foi promulgada a Lei n° 5.692, de 11 de agosto de 1971, que criava a disciplina Programa de Saúde (BUENO; RIBEIRO, 2018). Dessa forma, a Educação Sexual é incluída, sob ressalva de discutir desvios de normalidade e restrito aos aspectos biológicos (BUENO; RIBEIRO, 2018), pois não existia liberdade para debate.

Mas, ainda em 1976, o argumento mais utilizado pelo Estado era a falta de prioridade. Ensinar a ler e escrever, por exemplo, deveria vir antes da Educação Sexual, como reafirmou a conselheira Edília Coelho Garcia enquanto representante oficial do Brasil no Primeiro Seminário Latino-americano de Educação Sexual. Assim, caberia às famílias a responsabilidade pela Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 1998; ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009; BUENO; RIBEIRO, 2018; ROSEMBERG, 1985). De acordo com Figueiró (1998):

ensinar a respeito da sexualidade (do meio ambiente ou de outros conteúdos humanistas) não atrapalha em nada o aprendizado escolar

básico, mas, pelo contrário, tudo contribui para a formação integral do aluno. Na verdade, aqueles conteúdos podem ser usados como instrumentos para o ensino da leitura e da escrita.

(FIGUEIRO, 1998, p. 4)

Em 1978, com a abertura política e afrouxamento do AI-5, a Educação Sexual retornou de maneira oficial às escolas, acompanhada pelo interesse e debate público com a realização do I Congresso sobre Educação Sexual nas escolas (BUENO; RIBEIRO, 2018). Contudo, esse retorno não se deu de maneira homogênea no território brasileiro, e parte da censura continuou ocorrendo até na década de 1980, quando a ditadura terminou (FIGUEIRO, 1998).

Com a pandemia de AIDS e os casos frequentes de gravidez na adolescência, é observada uma outra guinada na sociedade. A década de 1980 é especialmente produtiva em trabalhos científicos e programas educacionais, uma vez que a Educação Sexual passa a ser requisitada no currículo por pais, educadores, políticos e sociedade no geral (FIGUEIRO, 1998).

Sobre as novidades dessa década pode ser destacado: *Programas de saúde: aspectos do crescimento e desenvolvimento humano relativos à sexualidade* (SP); roda de debate com o título *Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão*; criação da instituição *Associação Brasileira de Educação Sexual* (EDUSEX); o *Programas de Saúde: aspectos do crescimento e desenvolvimento humanos relativos à sexualidade*; o projeto *Sexualidade humana: reflexões e propostas em ação*; a criação do *Centro Avançado de educação para a Saúde e Orientação Sexual* (CAESOS); dentre vários outros (BUENO; RIBEIRO, 2018), sendo o estado de São Paulo um dos pioneiros no assunto, com a implementação em 1989 da Orientação Sexual nas escolas pelo Secretário de Educação Paulo Freire (OLIVEIRA, 2009).

A década de 1990 traz a sexualidade para um diálogo mais liberal, devido ao tema estar presente em filmes, novelas, livros e outros meios midiáticos, assim como a chegada da internet, que abre ainda mais espaço, já no início dos anos 2000, para acalorar o debate. Com a tecnologia, aumenta a facilidade e agilidade de encontros casuais, o que deixa evidente a necessidade de uma Educação Sexual emancipatória, livre e libertária, cabendo aos espaços

educacionais o diálogo e oportunidade de troca, que envolva a sexualidade (BUENO; RIBEIRO, 2018).

Esse tipo de abordagem emancipatória ou libertadora é amparada na busca da felicidade e da quebra de padrões da sociedade que subjagam e limitam a sexualidade humana, como o machismo e a LBTQfobia. Nesse sentido, o educador não deve se limitar às informações médico-científicas e deve levar em conta a realidade do discente (FURLANETTO *et al*, 2018). Em contrapartida, para que haja esse tipo de educação, não basta o respaldo curricular se o corpo docente não se sente preparado para o debate. Ribeiro (2009) é cirúrgico ao dizer que não há ações efetivas de educação continuada para professores, por parte dos órgãos governamentais, por mais que o aporte teórico seja vasto e que campanhas federais sejam feitas contra a AIDS ou a homofobia, os educadores brasileiros não têm em seu currículo de licenciatura disciplinas de sexualidade – fato esse que se comprova nas universidades atualmente, tal problema também é abordado por Figueiró (2009):

A Educação Sexual vem sendo reconhecida, pela maioria dos professores, como necessária e importante no processo formativo dos alunos. Muitos deles se preocupam e sentem-se, em vários momentos, inseguros e até temerosos, diante dessa tarefa. Sabemos que todo o processo formativo dos professores, tanto no Magistério, quanto nas licenciaturas, não os tem preparado para abordar a questão da sexualidade no espaço da escola. Portanto, é compreensível o sentimento de insegurança e a preocupação. Além do despreparo, todos somos frutos de uma sociedade repressora em relação à sexualidade, na qual ainda perduram associações do sexo com idéias de pecado, de feio e de proibido, ou, por outro lado, com idéias de promiscuidade e de imoralidade

(FIGUEIRÓ, 2009. p. 141)

Na época da implementação do PCN, década de 1990, já se observava uma mudança significativa, mais uma vez, nos padrões da sociedade, que foi sentida até 2015, como as discussões de gênero, sexualidade e diversidade (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019). Essa discussão de sexualidade e Educação Sexual cunhava um viés mais humanista e menos higienista-eugenista, conforme visto desde o início do século XX. Ações governamentais sustentavam essa nova dinâmica social com criação de projetos e programas voltados para a equidade entre gêneros, respeito à diversidade e programas contra a homofobia. Tudo isso culmina na criação do PCN, que é um documento que firma e respalda a Educação Sexual no Brasil (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019).

Contudo, mais uma ruptura com o progresso se inicia no ano de 2004 com o movimento “Escola sem Partido”, o cenário político passa por uma onda de controle educacional, que objetiva o impedimento do que foi cunhado como “doutrinação política e ideológica de alunos” (FURLANETTO *et al.*, 2018). A partir de 2015 esse discurso se intensifica e o conservadorismo antissexual com fundamentalismo cristão extremista invade as escolas, como reflexo de uma sociedade em retrocesso (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019).

Por conta do movimento supracitado, discursos como feminismo, diversidade sexual, LGBTQIA+, liberdade de expressão e outros temas que perpassam a sexualidade são tidos como comunistas, ligados à esquerda e são rejeitados pelos novos moralistas (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019), uma vez que o governo petista, que se mantinha no poder desde 2003 dava sinais de desgaste devido as constantes manchetes sobre corrupção (MONTEIRO e RIBEIRO, 2020).

Com isso, palavras como orientação sexual e gênero são retiradas de documentos criados posteriormente, como a Base Nacional Comum Curricular e do Plano Nacional de Educação, como discutiremos melhor mais adiante. As discussões de gênero e sexualidade, quando sucumbidas, não fazem com que a sexualidade deixe de existir, então devem ser debatidas sem que sejam confundidas com doutrinação moral ou ideológica para o desenvolvimento do aluno quanto cidadão (FURLANETTO *et al.*, 2018).

Toda essa lógica que cerceia a sociedade atual culminou na eleição de um presidente de extrema-direita nas eleições de 2018 e os projetos federais passam pelo julgo do moralismo religioso (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019). Mas esse mal já era sentido desde o final do governo Lula e início do governo Dilma, por conta da bancada evangélica dos deputados federais e, o ponto máximo desse retrocesso fundamentalista cristão, foi o processo do impeachment que inundou o Brasil de conservadorismo (RIBEIRO, 2017).

Com isso, o presente trabalho busca elucidar como que as recentes mudanças no currículo da educação básica do Brasil estão presentes no livro selecionado pelo Colégio Pedro II, tendo em vista todos os vieses aqui

mencionados ao longo da história da Educação Sexual no país. Para tanto, os pressupostos teóricos serão sobre os currículos, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e sobre o Livro Didático (LD) no Brasil.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar o livro didático de Ciências, selecionado pelos professores da instituição federal Colégio Pedro II, que está inserido no Programa Nacional do Livro Didático do 8º ano do Ensino Fundamental II e disponíveis na *Internet*, sob a luz da Educação Sexual.

### **2.2 Objetivos específicos**

I – Categorizar os trechos do livro em viés biológico-higienista ou psicossocial-cultural;

II – Comparar os achados com o Projeto Pedagógico Institucional do referido colégio.

### 3. JUSTIFICATIVA

A sexualidade faz parte da vida de todo ser humano desde o nascimento até a morte, sendo, por conta disso, ampla e plural, podendo ser representada de formas diferentes dependendo da cultura e do marco histórico/político que a sociedade em questão esteja vivenciando (LOURO, 2000; MAIA; RIBEIRO, 2011). Para falar sobre a Educação Sexual (ES) é necessário entender, de antemão, que os vieses são diversos. Assim, podemos dizer que as perspectivas sobre a sexualidade, e tudo que ela envolve, já foram estritamente biológicas e, hoje, busca-se uma visão histórico-cultural (DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007).

Essa área do saber requer conhecimento científico sobre sua história, por aqueles que pretendem aprofundar-se no assunto, para que suas nuances em cada uma de suas fases fiquem perceptíveis. Essa necessidade de compreensão posta não está restrita a conteúdos de cunho científico como o presente trabalho, mas também como preparação para a atuação de profissionais de qualquer área do conhecimento, que se dispõem a desenvolver trabalhos sobre a Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 1998).

O espaço escolar é tido como responsável pelo desenvolvimento intelectual, físico e sociocultural do indivíduo (FURLANETTO *et al*, 2018), além da formação do cidadão, onde ele poderá progredir como ser pensante e livre. Por conta de sua relevância, a Educação Sexual deve estar presente no ambiente escolar, uma vez que a sexualidade perpassa por todas as fases de desenvolvimento humano (LOURO, 2000). Além disso, a sexualidade também é uma construção social com diferentes autores:

Partimos do pressuposto de que a sexualidade é, sobretudo, uma construção sócio-cultural e, portanto, não estática, mas sim, histórica e mutável. Acreditamos que em todo processo de interação professor-alunos, alunos-alunos, e escola-família, por exemplo, dá-se a construção, a manutenção ou a ressignificação dos valores morais, das normas sexuais e de todos os significados relacionados às questões da sexualidade.

(ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009. p. 88)

A sexualidade apresenta interferência biológica, social e psicológica, além de ser subjetiva e particular (MAIA; RIBEIRO 2011), então repare que ela é particular e ao mesmo tempo plural. Além disso, as formas como a sexualidade

é expressa dependem de como os corpos ganham sentido, quando inseridos em uma sociedade (LOURO, 2000).

Abordar essa sexualidade em uma disciplina escolar ou em uma etapa do currículo é uma tarefa árdua para o educador, uma vez que ensinar e orientar de maneira metodológica e didática exige uma preparação e formação de um profissional capacitado (MAIA; RIBEIRO 2011). Entende-se, também, que esse ensino deve ser intencional e planejado, para proporcionar ao aluno uma formação completa contra discriminações, tabu e preconceitos, a partir do desenvolvimento de uma cidadania ativa (MAIA; RIBEIRO 2011; RIBEIRO 2017).

Logo, para que o objetivo seja atingido, a Educação Sexual deve ser plural, pois além de temáticas preventivas – as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e gravidez-, deve haver debates sobre cidadania e relacionamentos sociais. Assim, vale ressaltar que o ensino completo da ES é um direito que está assegurado na parte de Direitos Sexuais dos Direitos Humanos, cunhados na Assembleia Geral da *World Association for Sexual Health (WAS)*, de 1997 (MAIA; RIBEIRO 2011). Esses direitos sexuais previstos são:

direito à liberdade sexual, à autonomia sexual, integridade sexual e segurança do corpo, à privacidade sexual, à liberdade sexual, ao prazer sexual, à expressão sexual, à livre associação sexual, a escolhas reprodutivas livres e responsáveis, à informação baseada no conhecimento científico, à educação sexual compreensiva e à saúde sexual

(MAIA; RIBEIRO 2011 p. 81).

Michel Foucault (1988) – filósofo francês da corrente pós-modernista – defende que a sexualidade não sofre mais ações repressivas de silenciamento, seja do Estado ou religioso/social, mas que na modernidade existem outras formas de controle. Segundo o autor, trata-se de uma rede sutil de discursos da contemporaneidade, em que saberes, prazeres e poderes, que controlam a expressão da sexualidade, vão além de mera exclusão ou repressão exercida por motivos econômicos, estão na conjunção entre o poder e o saber, refletindo em multiplicidade dos discursos.

Assim, o sexo, tanto o ato quanto a expressão dos corpos, é um objeto do saber, dentro do discurso de poder. Esses mecanismos normativos e de controle

da sexualidade estão nos discursos mais sutis e, teoricamente, libertadores da sexualidade, uma vez que os repreensivos e excludentes são evidentes e, por isso, repulsivos (DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007). Inclusive, o início da Educação Sexual no nosso país foi tardio, justamente por conta de todo tabu que envolve a sexualidade e a cultura ocidental do silêncio e da repressão (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009). Mesmo antes do autoritarismo marcado pelo Regime Militar, o autoritarismo moralista já regia as escolas, até 1960, a Igreja Católica influenciava fortemente no currículo educacional, o que fez com que muitos avanços fossem sucedidos por retrocessos, inclusive antes (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009; ROSEMBERG, 1985).

Esses discursos normativos e sutis, já referenciados por Foucault, são encontrados nos currículos brasileiros, como é o caso dos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) da década de 1990. Vale destacar que a aparição de um currículo destinado para a Educação Sexual, que traz a temática como transversal, foi um ganho importantíssimo para a educação e para o respaldo do corpo docente. Contudo, não devemos nos enganar quanto as sutilezas do discurso normativo.

Na modernidade, os discursos que ditam os saberes sobre sexualidade e o que a envolve, como gravidez, modo de ser homem/mulher, e como se portar em diferentes fases da vida em sociedade, perpassam os espaços entre escola e mídia (DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007). Contudo, essa formação cultural midiática, muitas vezes, afeta o discurso escolar, por se sobrepor e ter maior relevância do que a formação escolar (DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007).

A dificuldade de se trabalhar o tema em questão também está atrelada a relações históricas de práticas higienistas, repressão de liberdade sexual e religião (FURLANETTO *et al*, 2018), que fazem com que, até hoje, consigamos ver as relações patriarcais e normativas heterossexuais desqualificarem a Educação Sexual libertária, sem amarras de padronização sexual e de identidade. Isso gera a dificuldade de diálogo sobre sexualidade na escola, permitindo, ainda, apenas falas biológicas – práticas de prevenção contra IST e gravidez -, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio (FURLANETTO *et al*, 2018).

A Educação Sexual, assim como qualquer componente curricular, sofre com as fases políticas. Isso ocorre devido às trocas de liderança que refletem as mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais que se encontram nos anseios da sociedade vigente (KRASILCHIK, 2000). Em verdade, a abordagem médico-informativa/higienista/biologizante, que data desde o início do século XX, é a mais aceita nas escolas e ali encontra espaço de abordagem, devido ao seu caráter de controle das práticas sexuais, termos esses que são cunhados por Furlanetto e colaboradores (2018).

#### **4. A EDUCAÇÃO SEXUAL, O CURRÍCULO E O LIVRO DIDÁTICO**

##### **4.1. Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Sexual**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram criados na década de 1990 e previstos pelo artigo 210 da Constituição de 1988, o qual indica a necessidade de construção de conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, tendo como objetivo a formação básica e comum a todos os brasileiros. Esse documento visava uma melhor qualidade de ensino e uniformização do currículo, que já vinha sendo construído de maneira individual em cada estado e município (MOREIRA, 1996).

Para que a proposta fosse colocada em prática, em 1995 uma equipe de professores de escolas - e não de faculdades - foi responsável pela elaboração do PCN, que teve a influência de documentos curriculares de outros países, especialmente da Espanha (MOREIRA, 1996). Em 1997, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) oficializou esse documento com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96 e, além do currículo escolar, também foram lançados os Temas Transversais, dentre eles um documento intitulado de "Orientação Sexual", no qual a Educação Sexual obteve o reconhecimento de sua importância (FIGUEIRÓ, 1998; BUENO; RIBEIRO, 2018).

O nome dado ao documento causa estranheza para alguns autores, como para Reis e Ribeiro (2005), que indicam que a Orientação Sexual deve ser realizada por um profissional especializado, durante um trabalho planejado para tal fim. Já, para Dinis e Asinelli-Luz (2007), Orientação Sexual significa o direcionamento do afeto na sexualidade, por qual(ais) sexo(s) o desejo sexual

do indivíduo é despertado. Nos dois casos, os autores indicam o termo “Educação Sexual” como o preferível para a prática escolar.

O documento referido sofreu fortes críticas, por mais que fosse chamado de “parâmetros” ao invés de “currículo mínimo”. Ele traz a definição de disciplinas e de conteúdos que devem ser abordados prioritariamente, o que limita a autonomia escolar, mesmo que no documento introdutório seja feita uma ressalva sobre multiculturalismo (MOREIRA, 1996).

Outra crítica é com relação à falha de capacitação docente para a aplicação do PCN nas escolas, pois, de acordo com Furlanetto e colaboradores (2018), a educação brasileira necessitava que os princípios apresentados no documento fossem incorporados nas escolas, tanto nas práticas pedagógicas quanto metodológicas do dia a dia escolar. No entanto, embora essa legitimação da educação de valores que perpassam a sexualidade um marco importante, ele não é aplicado devido ao despreparo docente (RIBEIRO, 2017).

Com respeito ao caderno referente à sexualidade, ele é sem dúvidas um norteador para a temática e um grande avanço no que diz respeito a documentos que oficializem sua importância no ambiente escolar. Segundo o PCN, esses cadernos são temas transversais que devem ser abordados por todos os educadores, seja dentro da programação, isto é, com um planejamento de aula ou na extraprogramação, quando surge uma inquietação por parte dos discentes, e o professor deve intervir (BRASIL, 1998), afinal, a não intervenção é uma linguagem/mensagem em si, como se fosse um assunto proibido no ambiente escolar.

Com relação às diretrizes, o tratamento da sexualidade ocorre em uma perspectiva biológica e as temáticas socioculturais, como gênero, são abordadas de maneira superficial. Porém, por mais que não seja um documento completo, sob a perspectiva da Educação Sexual emancipatória e libertária, são vistas com bons olhos por legitimar a abordagem educacional (SILVA *et al*, 2019). Pode-se dizer que o PCN foi o primeiro documento a inserir a Educação Sexual no ambiente escolar e que na década de 1990 a temática estava em voga no MEC e em outros órgãos públicos (BARBOSA *et al*, 2019), o que para alguns autores significaria um controle de saúde pública na educação, devido ao aumento de

casos de HIV e da gravidez na adolescência (SILVA *et al*, 2019 e DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007).

#### **4.2. A Base Nacional Comum Curricular e a Educação Sexual**

Como exposto até este ponto do trabalho, foram muitas as transformações sofridas pelos documentos e diretrizes curriculares quando a temática é a sexualidade, seja em períodos de retrocesso – como a ditadura militar – ou na legitimação da abordagem em sala – como no PCN. Mas cabe traçar um paralelo entre o documento anterior, PCN, e o que será abordado agora, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Vale ressaltar que a BNCC não foi um documento único, existiram três grupos diferentes envolvidos na elaboração (em diferentes períodos) e, por isso, em três momentos eles vieram a público. A primeira versão foi liberada para a consulta pública em setembro de 2015 e nela a sexualidade estava prevista para o 9º ano, ao abordar o aparelho reprodutor e a puberdade (mudanças físicas, fisiológicas e comportamentais) (BARBOSA *et al*, 2019).

Na segunda versão, apresentada em 2016, a sexualidade aparecia na Educação Infantil, nos anos iniciais e nos finais do Ensino Fundamental, com palavras/ termos como: “pertencimento social”, “gênero”, “sexualidade”, “reprodução”, “dimensões orgânicas, culturais, afetivas e éticas na reprodução humana”, “sensibilidade e responsabilidade no campo da sexualidade” e “puberdade” (BARBOSA *et al*, 2019).

Com isso, percebe-se o quanto o documento nessa 2ª versão foi sensível e incisivo ao trabalhar a Educação Sexual. Entre essa versão e a utilizada na homologação houve um espaço de um ano, onde políticos conservadores se articularam para retirar tópicos críticos-reflexivos e trazer o conservadorismo ao documento (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020).

No Plano Nacional de Educação (PNE), de 2001 até 2010, foi determinado como meta e objetivo do documento a formação docente que incluíam os temas transversais do PCN, especialmente “Orientação Sexual”, o que não foi cumprido (BARBOSA *et al*, 2019). Também existia sexualidade no documento do PNE previsto para 2011 até 2020, no que diz respeito a igualdade de gênero, respeito

a orientação sexual e identidade de gênero, igualdade aos direitos reprodutivos e prevenção a abusos e exploração sexual (BARBOSA *et al*, 2019). Contudo, no PNE de 2014 até 2024 as questões de gênero e sexualidade foram excluídas (BARBOSA *et al*, 2019; MONTEIRO; RIBEIRO, 2020), o que já daria os primeiros sinais do que esperar da terceira versão da BNCC.

Esse posicionamento conservador-fundamentalista-religioso levou ao aumento, nos últimos anos, do discurso de ódio contra LGBTQIA+, da misoginia e repressão sexual, bem como a censura de museus e repreensão de professores atacados pelo Projeto Escola Sem Partido. Todos esses fatos passam pela represália que a sexualidade vem sofrendo e resultam no regresso dos projetos de Educação Sexual (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020). O Conselho Nacional de Educação aprovou a terceira versão da BNCC do Ensino Fundamental em 2017 e do Ensino Médio em 2018, o que confirmou o fortalecimento do conservadorismo e repressão da sexualidade (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020).

Nas diretrizes anteriores, por mais que houvesse críticas quanto à abordagem biológica da sexualidade e a superficialidade de questões relativas ao gênero, é indubitável o avanço dos anos 1990 na legitimação da Educação Sexual nas escolas (SILVA *et al*, 2019). Isso ficou ainda mais marcante quando se observa o retrocesso no início do século XXI, uma vez que o novo documento retira os termos “gênero” e “orientação sexual” (SILVA *et al*, 2019), por mais que esse último seja problemático, como citado no item anterior.

Sobre a retirada do termo “gênero”, o mesmo refere-se ao papel do que é ser homem e do que é ser mulher em uma sociedade, sendo que esses papéis são construções sociais (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020). Seu significado será diferente dependendo da cultura e do período histórico e, vale ressaltar, a importância do movimento feminista para o enriquecimento desse debate. Já no que concerne a sexualidade, o documento homologado reafirma sua extrema relação com a biologia, enquanto a “Orientação Sexual” prevista no PCN trazia avanços ao debate socioemocional e cultural, que para os conservadores era confundido com libertinagem (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020).

Além da retirada dos termos, a abordagem da sexualidade está mais superficial, no que diz respeito aos direitos humanos, e biológica, no que tange a reprodução e as infecções sexualmente transmissíveis (SILVA *et al*, 2019). Também vale ressaltar, que a abordagem anterior era transversal, cabendo a responsabilidade a todos os professores. Por mais que carecesse de formação continuada e cursos de capacitação, existia um documento que respaldava o trabalho docente. Contudo, na versão de 2017 na BNCC, a abordagem sobre aparelho reprodutor, anatomia e fisiologia, foi restringida ao 8º ano do Ensino Fundamental, com conteúdo relativo aos mecanismos reprodutivos, puberdade e prevenção (SILVA *et al*, 2019; MONTEIRO; RIBEIRO, 2020). Como podemos observar na imagem a seguir:

**Quadro 1: BNCC versão Excel dos Conhecimentos e Habilidades do componente Ciências com a temática sexualidade para o 8º ano.**



Ciências				
COMPONENTE	ANO/FAIXA	UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Ciências	8º	Vida e evolução	Mecanismos reprodutivos Sexualidade	(EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.
Ciências	8º	Vida e evolução	Mecanismos reprodutivos Sexualidade	(EF08CI09) Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).
Ciências	8º	Vida e evolução	Mecanismos reprodutivos Sexualidade	(EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção.
Ciências	8º	Vida e evolução	Mecanismos reprodutivos Sexualidade	(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética).

Fonte: BRASIL, 2021

Após a análise do documento, o esperado é confirmado e o ensino de sexualidade passou a estar vinculado à dimensão corpo-saúde-doença/ biológica: anatomia e fisiologia reprodutiva. Direcionamento que remete ao início do século XX com os pressupostos médico-higienista e seus controles de condutas sexuais (SILVA *et al*, 2019). Ainda, o documento apresenta a nomenclatura antiga de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), ao invés de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), como redefinido pelo Ministério da Saúde em 2016 (SILVA *et al*, 2019). Com isso, a sexualidade perdeu o caráter mais amplo de educação que havia ganho no PCN, para uma aula de Ciências conteudista de aspectos biológicos (BARBOSA *et al*, 2019; MONTEIRO; RIBEIRO, 2020).

Já no que concerne a habilidade que trata de “múltiplas dimensões da sexualidade humana” (BRASIL, 2017), ela está cheia de fragilidades, que, segundo Silva e colaboradores (2019), dificulta o aprendizado do aluno por não subsidiar o trabalho do professor. Em outras palavras, é um ponto fraco do documento, visto que os anteriores davam enfoque na parte reprodutiva de maneira mais detalhada, enquanto esse único tópico, que apresenta variadas discussões como sociais-emocionais-culturais-éticas, não indica os objetivos do aprendizado, as habilidades a serem trabalhadas com detalhamento e os tópicos que o professor deve abordar (SILVA *et al*, 2019). Com o exposto, o documento colabora com a manutenção dos preconceitos e do patriarcalismo (SILVA *et al*, 2019; BARBOSA *et al*, 2019).

### **4.3. Programa Nacional do Livro Didático**

O livro didático é um balizador de conteúdos e da forma de abordagem metodológica de um professor em sala de aula, sendo o material que rege o conteúdo programático para o ano letivo. Ele influencia em todo o processo de ensino e aprendizagem e, por conta de seu fundamental papel, deve ser escolhido de forma criteriosa (FIGUEIREDO; MORAES, 2017). Contudo, ele não deve ser utilizado como um meio de informações a ser copiado e decorado pelos discentes, visto que nem sempre está de acordo com a realidade escolar (FIGUEIREDO; MORAES, 2017).

Há documentos que apontam sobre essa escolha de livros, para a educação, desde a década de 1930 (NETO; FRACALANZA, 2003). O primeiro registro ocorreu pelo Decreto-Lei nº1.006 em 1938, quando foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD). Já o segundo documento é da década de 1950, com a criação da Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (Caldeme), o terceiro momento ocorre com a Ditadura Militar, em 1966 – vale lembrar do período crítico de repressão e silenciamento – com a criação da Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (Colted) e, o último momento antes da criação do regulamentador atual, em 1971 iniciou Programa do Livro Didático (PLD), regulamentado pelo Instituto Nacional do Livro (INL), que, em 1976, foi transferido para a Fundação Nacional do Material Escolar (Fename) (FILGUEIRAS, 2011).

Na década de 1990, após a implementação da LDB de 1996 e do PCN, surgiu o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para os anos finais do Ensino Fundamental, que visa à utilização de livros de qualidade para as escolas públicas, estando em acordo com os conteúdos previstos nos Parâmetros (BUFFON, 2020; GRAMOWISKI, 2017).

O PNLD, faz parte do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que está vinculado ao Ministério da Educação (MEC) (FIGUEIREDO; MORAIS, 2017). Com isso, a atribuição de escolha de livros didáticos (LD) passou a ser uma política pública de Estado, ao invés de governo. Essa alteração faz com que os livros didáticos não precisem ser trocados a cada mudança de mandato político (GRAMOWISKI, 2017).

A escolha do LD é trienal e, ao final de cada três anos, um grupo de livros é selecionado, sendo eles: Ensino Fundamental Anos Iniciais, Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino médio, onde o MEC adquire os livros escolhidos via PNLD e os distribui para as escolas públicas (FIGUEIREDO; MORAIS, 2017).

Após essa distribuição, os livros permanecem nas escolas pelos três anos adjacentes, sendo passados de aluno para aluno, o que acabou com os livros descartáveis, que a cada ano de utilização eram jogados foras. A partir desse momento, o cuidado com a integridade do LD até sua devolução passou a ser de responsabilidade do estudante (GRAMOWISKI, 2017).

A aquisição dos livros presentes no PNLD é feita de maneira individual por cada escola. Os professores selecionam o LD com o auxílio dos Guias de Livros Didáticos (GLDs), material elaborado por professores e pesquisadores, que objetiva orientar o processo de análise e escolha dos professores (GRAMOWISKI, 2017). Porém, para Rosa (2017), como esses guias são feitos por comissões formadas por vários professores, a qualidade indicada por eles nem sempre corresponde aos resultados de pesquisas na educação ou por órgãos governamentais, por ser um critério muito subjetivo de se apontar.

Vale ressaltar, que os livros didáticos fazem circular bilhões de reais a cada ciclo de renovação de material do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). Isso faz com que editoras participem dessa fase de seleção, não só inscrevendo seus livros para serem analisados pelo Guia do

Livro Didático (GLD), como também os ofertando para escolas e professores em um contato direto para análise, vislumbrando o lucro, por meio do alto volume de venda (ROSA, 2017). Portanto, todo o processo de análise, escolha e aquisição do LD pode ser permeado por interesses políticos e econômicos.

## 5. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A análise na qual o presente trabalho se baseia é pautada no livro didático selecionado pelo Colégio Pedro II, uma instituição de ensino público federal localizada no estado do Rio de Janeiro. O estudo tem um cunho qualitativo e quantitativo, visando analisar esse LD à luz da metodologia de Bardin.

Para prosseguimento, o início metodológico encontra-se em consonância com a fase “pré-análise” prevista por Bardin (2011), compondo o *corpus* da pesquisa. Esse levantamento pretende ser elucidativo quanto à aplicação do previsto na BNCC, no que concerne à Educação Sexual, no livro didático selecionado pela instituição, que sofreu recentemente as revisões e modificações necessárias para estarem de acordo com o documento curricular vigente. Para tal, o trabalho seguirá a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), tendo como objetivo a sistematização de forma qualitativa e pragmática dos achados no livro didático.

Após a fase de pesquisa pelo material realizada via *Internet*, fez-se leitura flutuante em busca de termos previamente selecionados, como: reprodução, gravidez, infecções/doenças sexualmente transmissíveis (e o nome de todas elas, como herpes, HPV, HIV, clamídia etc.), saúde, prazer, preconceito, gênero, sexualidade, libido, métodos contraceptivos, puberdade, gameta (espermatozoide, óvulo – e suas variações), período fértil, identidade, orientação sexual, adolescência, aborto, tabu, abuso sexual, mídia, hormônios sexuais (progesterona, estrogênio, testosterona, FSH e LH), entre outros termos. A totalidade de palavras que foram selecionadas e achadas no LD está descrita nas tabelas (2, 3, 4 e 5) de resultado, como as variações de palavras e expressões que envolvem a Educação Sexual é grande, não caberia colocar todas elas aqui.

Numa terceira etapa, buscou-se a análise categorial, a qual se pretende considerar a totalidade do texto, de acordo com a frequência que determinados itens de sentido aparecem nos livros ou estejam ausentes (BARDIN, 2011). Essa análise pode ser quantitativa, quanto à frequência de sua aparição no texto, ou qualitativa, se determinado signo linguístico (palavra) aparece ou não (CAREGNATO; MUTTI, 2005), o presente estudo fez uma análise mútua. Assim,

após os achados, foi feita a categorização dos termos, que consiste na organização objetiva e racionaliza o que se busca, permitindo classificar elementos de significação constitutivas da mensagem (BARDIN, 2011).

As categorias podem ser diversas, segundo Bardin (2011), uma delas é o critério semântico, de temas, o qual foi utilizado. Assim, as categorias selecionadas para a análise serão os vieses existentes dentro dos estudos de Educação Sexual previamente discutidos na introdução do trabalho em cada período histórico: biologizante-higienista e psicossocial-cultural.

A escolha pela utilização desses termos para a categorização dos achados no LD, ao longo da pesquisa, teve influência de Furlani (2008). A autora utiliza os termos “biologizante” e “higienista” para se referir ao início da Educação Sexual no Brasil, no começo do século XX, e, também, faz referência a eles sempre que o assunto é abordado de forma científica, buscando a prevenção de doenças, elucidando a anatomia e a fisiologia do aparelho reprodutor.

Já a categoria que usa as palavras “psicossocial” e “cultural” foi uma escolha pessoal, em que irá abarcar os achados que contemplem a parte psicológica-emocional-afetiva, as influências da sociedade na construção da sexualidade e as formas de expressão e de retaliação de diferentes culturas. Tem-se como exemplos: a expressão da sexualidade, a identidade sexual, a orientação sexual, a forma que diferentes culturas lidam com o corpo e com o sexo, interferências da sociedade na construção de papéis de gênero, mudanças sociais sofridas durante uma gravidez na adolescência, dentre outros tópicos.

Em seguida, os dados obtidos foram tratados de forma objetiva e qualitativa, uma vez que a finalidade dessa análise é justamente a categorização, com elaboração de nuvens de palavras, tabelas de frequência e categorização e gráficos com a porcentagem de palavras/termos/expressão em cada categoria. Com a categorização das unidades textuais, infere-se, a partir de palavras ou frases, a expressão que o texto carrega (CAREGNATO; MUTTI, 2005), o que se pretendeu durante a discussão dos achados e categorizações.

A interpretação dos dados obtidos foi embasada no referencial teórico presente neste trabalho, que serviu de fundamento, uma necessidade assinalada no trabalho de Silva (2012). Segundo ela, “as interpretações

pautadas em inferências buscam o que se esconde por trás dos significados das palavras para apresentarem, em profundidade, o discurso dos enunciados” (SANTOS, 2012, p. 386).

No novo documento que norteia a educação brasileira, BNCC, referente aos ciclos finais do Ensino Fundamental, a educação sexual é encontrada apenas no 8º ano dentro da unidade temática “Vida e evolução” e do objetivo de conhecimento “Mecanismos reprodutivos/ sexualidade”, observa-se as habilidades:

**Quadro 2: Habilidades de Ciências para o oitavo ano do Ensino Fundamental segundo a Unidade Temática Vida e evolução**

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETIVOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Vida e evolução	Mecanismos reprodutivos  Sexualidade	(EF08CI07) Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.  (EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.  (EF08CI09) Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).  (EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase

		na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção. (EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética).
--	--	---

Fonte: BRASIL, 2017, p.347.

Por mais que não haja o mesmo apelo documental sobre a temática previsto em documentos anteriores como o PCN, previamente discutido na introdução, ainda há possibilidade de abordagem em sala, uma vez que os pontos acima citados se encontram nas habilidades esperadas pelos alunos. Cabendo, portanto, uma análise de livro em busca do tipo de abordagem utilizada pelos autores.

## 6. RESULTADOS

O livro selecionado pelo corpo docente do Departamento de Ciências e Biologia do Colégio Pedro II para todas as séries do Ensino Fundamental II da instituição, incluindo o 8º ano, é da coleção APOEMA, da Editora Brasil. A escolha dessa coleção foi feita no ano de 2019, dentro do PNLD para o triênio em curso, 2020-2022. Ele foi escrito por Ana Maria Pereira, Ana Paula Bemfeito, Carlos Eduardo Pinto, Miguel Arcanjo Filho e Mônica Waldhelm e estava disponível, em sua versão manual do professor, na versão PDF no site <https://www.editorado brasil.com.br/portais-educacionais/apoema/#/>.

**Figura 1: Capa do livro da coleção APOEMA do 8º ano da Editora Brasil na versão Manual do Professor**



Fonte: PEREIRA *et al*, 2018.

O livro é dividido em 4 unidades, sendo a ordem delas: “Vida e reprodução”, “Funções de nutrição”, “O planeta em que vivemos” e “Matéria e energia”. Na primeira unidade tem-se os seguintes capítulos: “A reprodução”, “Sexualidade e vida”, “Da concepção ao nascimento” e “Saúde e sexualidade”. A figura 2 apresenta a organização do sumário da primeira unidade da obra.

Figura 2: Sumário da unidade 1 - “Vida e reprodução” do livro do 8º ano

SUMÁRIO	<p><b>UNIDADE 1 – Vida e reprodução ..... 8</b></p> <p><b>CAPÍTULO 1 – A reprodução ..... 10</b></p> <p>Tipos de reprodução ..... 10</p> <p>Reprodução assexuada ..... 12</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bipartição ou divisão binária ..... 12</li> <li>• Brotamento ..... 12</li> <li>• Esporulação ..... 13</li> </ul> <p>Experimentar – Cultivando fungos ..... 14</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Regeneração ..... 15</li> <li>• Reprodução assexuada em plantas ..... 15</li> </ul> <p>Algumas técnicas de reprodução assexuada em plantas ..... 16</p> <p>Observar – Reprodução assexuada em plantas ..... 17</p> <p>Reprodução sexuada ..... 18</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reprodução sexuada nas plantas ..... 19</li> <li>  Reprodução nas briófitas ..... 19</li> <li>  Reprodução nas pteridófitas ..... 20</li> <li>  Reprodução nas fanerógamas ..... 21</li> </ul> <p>Observar – Observação do androceu e do gineceu da flor de uma planta hermafrodita ..... 24</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reprodução sexuada nos animais ..... 25</li> <li>  A reprodução dos peixes ..... 26</li> </ul> <p>Conviver – Deixem os peixes se reproduzirem ..... 27</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A reprodução dos anfíbios ..... 28</li> </ul> <p>Viver – Preservação das tartarugas marinhas ..... 29</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A reprodução dos répteis ..... 30</li> <li>• A reprodução das aves ..... 31</li> <li>• A reprodução dos mamíferos ..... 32</li> </ul> <p>Atividades ..... 34</p> <p><b>CAPÍTULO 2 – Sexualidade e vida ..... 36</b></p> <p>Percebendo o outro ..... 36</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O masculino e o feminino na sociedade ..... 37</li> <li>• Os papéis sociais ..... 38</li> </ul> <p>Conviver – Jogo dos papéis ..... 39</p> <p><b>A adolescência ..... 40</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ritos de passagem ..... 40</li> </ul> <p>Viver – A transição para o mundo adulto ..... 41</p> <p>Conviver – Sexualidade na mídia ..... 42</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• As mudanças no corpo ..... 43</li> <li>• O corpo masculino ..... 44</li> <li>  O corpo masculino por fora ..... 45</li> <li>  O corpo masculino por dentro ..... 46</li> </ul> <p>Saúde em foco – Câncer de testículo: a importância do exame ..... 47</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que é deferentectomia? ..... 48</li> <li>• O corpo feminino ..... 48</li> <li>• O corpo feminino por fora ..... 49</li> <li>• O corpo feminino por dentro ..... 50</li> </ul> <p>As mamas: importante estrutura dos mamíferos ..... 51</p> <p>Saúde em foco – Os homens têm mamas? ..... 52</p> <p>Com a palavra, o especialista ..... 54</p> <p>Viver – O que é bullying ..... 56</p> <p>Atividades ..... 57</p>	<p><b>CAPÍTULO 3 – Da concepção ao nascimento ..... 58</b></p> <p>O ato sexual e o início de uma nova vida ..... 58</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A ovulação ..... 59</li> <li>• A fecundação ..... 59</li> <li>• A menstruação ..... 60</li> </ul> <p>O desenvolvimento do novo ser ..... 61</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A importância da placenta ..... 61</li> <li>• Formação de gêmeos ..... 62</li> <li>• A gestação ..... 63</li> <li>• O parto ..... 64</li> <li>  Parto “normal” ou natural ..... 64</li> <li>  Cesariana ..... 64</li> <li>  Parto prematuro ..... 65</li> <li>• Amamentação ..... 65</li> </ul> <p>Viver – Aleitamento materno ..... 66</p> <p>Saúde em foco – Amamentação é um direito ..... 66</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que é aborto? ..... 67</li> </ul> <p>Conviver – Desmontando tabus ..... 67</p> <p>Atividades ..... 68</p> <p><b>CAPÍTULO 4 – Saúde e sexualidade ..... 70</b></p> <p>Cuidados com a saúde de todo o corpo ..... 71</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ir ao ginecologista ..... 71</li> <li>• Ir ao urologista ..... 71</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer para evitar: infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) ..... 72</li> <li>  Herpes genital ..... 72</li> <li>  Candidíase ..... 72</li> <li>  Gonorréia ..... 72</li> <li>  Doença de Chlamydia ..... 72</li> <li>  Sífilis ..... 73</li> <li>  Hepatite B ..... 73</li> </ul> <p>Aids ou síndrome de imunodeficiência adquirida (Sida) ..... 73</p> <p>Conviver – Dia Mundial de Luta contra a Aids ..... 75</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas de prevenção das ISTs em geral ..... 76</li> <li>  A camisinha (camisa de vénus ou preservativo) ..... 76</li> <li>• Gravidez: conhecer para evitar ..... 77</li> <li>  Diafragma ..... 77</li> <li>  Coito interrompido ..... 77</li> <li>  Tabelinha ..... 78</li> <li>  Dispositivo intrauterino (DIU) ..... 78</li> <li>  Pílulas anticoncepcionais ..... 79</li> <li>  Outros métodos hormonais ..... 79</li> </ul> <p>Viver – Jovens sabem prevenir DSTs e gravidez, mas só 31% se protegem ..... 80</p> <p>Atividades ..... 81</p> <p>Calendescópio – O corpo humano – entre o real e o ideal ..... 82</p> <p>Retomar ..... 84</p> <p>Visualização ..... 86</p>
---------	--	--

Fonte: PEREIRA *et al*, 2018.

A análise das palavras chaves, realizada através da leitura flutuante, será demonstrada a seguir de forma quantitativa – quantidade de vezes em que aparecem – e qualitativa – encaixando-as dentro das categorias “biologizante-higienista” e “psicossocial-cultural”. Vale ressaltar que por se tratar da versão manual do professor, foi realizada a pesquisa exclusivamente dos textos, textos complementares, exercícios do capítulo, títulos e subtítulos presentes no livro, excluindo-se as anotações, dicas e sugestões que são dadas nas laterais do material, uma vez que os discentes não teriam acesso a esse material.

A seguir, os resultados serão apresentados por capítulo, na seguinte ordem: nuvem de palavras, dando ênfase às palavras mais repetidas pelo capítulo; tabela, com a frequência em que grupos de palavras aparecem, e sua categorização organizadas dentro de um mesmo campo semântico; e gráfico, com as categorizações propostas.

### **6.1. Unidade “Vida e reprodução” – Capítulo “A reprodução”**

O livro inicia apresentando a reprodução de diferentes tipos de seres vivos, como bactérias, plantas, fungos e animais. É demonstrado o ciclo reprodutivo, dando enfoque nas diferenças entre reprodução assexuada e sexuada, fecundação interna e externa, tipo de desenvolvimento do embrião e vantagens evolutivas de acordo com o hábitat do ser vivo.

Na abordagem dos tipos de reprodução, sexuada e assexuada, o livro traz a discussão sobre vantagens e desvantagens sob o viés evolutivo e da variabilidade genética. Na parte de reprodução assexuada é explicado sobre bipartição, brotamento, esporulação, regeneração, estaquia, enxertia, alporquia e mergulhia.

Já com relação à reprodução sexuada, são apresentadas vantagens e desvantagens da fecundação interna e externa, reprodução das plantas e dos vertebrados. Próximo ao final do capítulo, observa-se um breve comentário sobre amamentação, após a explicação das novidades evolutivas dos mamíferos, tais como a placenta nos mamíferos placentários.

No que diz respeito às atividades propostas pelos autores, existe uma divisão desses trabalhos com os títulos: experimentar, observar, conviver, viver e

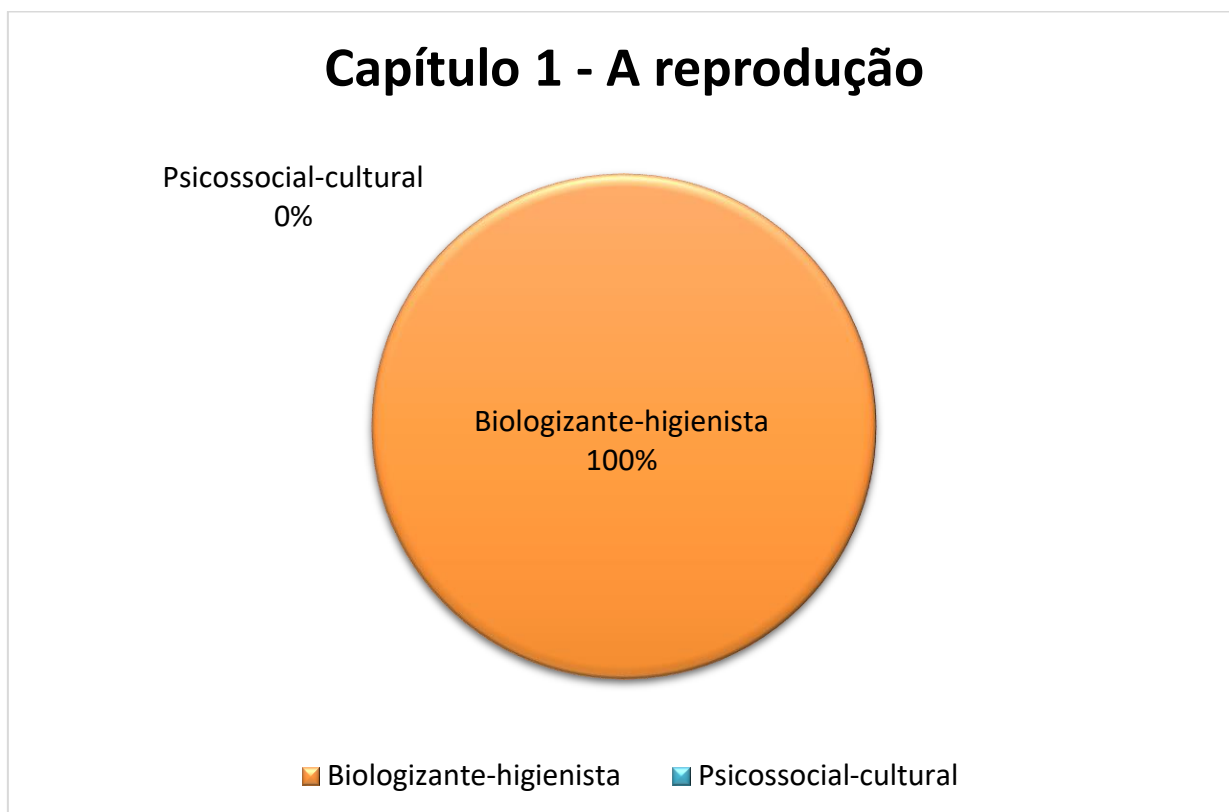


---

	reproduziu, reproduzir-se, reproduzir, reproduzirem		
Gameta	Gametas	24	Zero
Espermatozoide	x	8	Zero
Ovócito	Óvulo	10	Zero
Fecundação	Autofecundação, fecundado, fecundados	19	Zero
Estruturas reprodutivas	Órgão reprodutivo, órgãos reprodutores, órgão copulador, órgão sexual, sistema reprodutor	10	Zero
Maturidade reprodutiva	x	1	Zero
Acasalamento	x	2	Zero
Procriam	x	1	Zero
Período fértil	x	1	Zero
Parceiro sexual	x	1	Zero
Ovário	x	2	Zero
Esperma	x	1	Zero
Útero	x	2	Zero

---

Fonte: Autoria própria

**Gráfico 1: Frequência da categorização do capítulo 1**

Fonte: Autoria própria

Como mencionado, o capítulo é exclusivamente biológico, não apresentando achados de cunho psicológico-social-cultural dentro da Educação Sexual, inclusive não há nenhuma menção à reprodução humana na parte textual.

## 6.2. Unidade “Vida e reprodução” – Capítulo “Sexualidade e vida”

O capítulo, que abrange as páginas 36 até 57 do livro, conta com uma vasta gama de assuntos das duas categorias que este estudo buscou analisar. O texto de introdução traz a palavra sexualidade logo em seu título e trata de questões como diversidade, os estereótipos do que é ser mulher e homem e de orientação sexual, deixando claro que a sexualidade vai além do sistema genital.

Mais adiante, aborda a importância dos hormônios sexuais para as mudanças corporais e para a distinção visual entre os dois sexos biológicos. Após esse momento, é retomada a discussão sobre o estereótipo do masculino e feminino para a sociedade e os seus respectivos papéis sociais. Ainda no início do capítulo, na página 39, há uma atividade em que é proposto para os alunos,

no “conviver”, que eles escrevam em duas colunas o que sempre escutaram que servisse para completar as frases: “mulheres são...” e “homens são...”.

Outro assunto relevante tratado no capítulo é a adolescência. Em alguns textos, o livro se dedica a falar sobre o que é a adolescência, sobre o período da puberdade e os medos e tabus que permeiam essa etapa do desenvolvimento. Há ainda, dentro do tema, alguns relatos sobre ritos de passagem que ocorrem em diferentes culturas, em especial na atividade “viver” da página 41. Nessa atividade, há um texto intitulado “A transição para o mundo adulto”, que aponta exemplos de cerimônias de algumas culturas, como de certas tribos indígenas, para essa transição. Mas, para além disso, também traz a discussão de que esse período adolescente é restrito a algumas camadas sociais, visto que em camadas mais pobres existe uma urgência maior para que a idade adulta seja atingida mais rapidamente.

Na página 42, a atividade “conviver” versa sobre a sexualidade na mídia, pedindo para que os alunos pesquisem na internet o significado de adolescente e para que conversem sobre o comportamento masculino e feminino dentro de relacionamentos. Aqui, também é sugerido um debate sobre como o homem e a mulher são retratados em novelas, séries e comerciais.

Em seguida, passam-se a ser trabalhadas questões biológicas, tais como o corpo feminino e masculino, as influências hormonais, as características sexuais primárias e secundárias. Também são retratados ambos os sistemas reprodutores e os seus respectivos gametas. Ainda nessa parte, são abordados os métodos contraceptivos cirúrgicos, a vasectomia e a laqueadura.

No *box* da página 47, intitulado “saúde em foco”, fala-se sobre câncer de testículo e no *box* da página 52 aparece o questionamento “Os homens têm mamas?”, em que é tratado o assunto ginecomastia. Ainda na página 52, existe um pequeno quadro, chamado *zoom*, explicando o que é masturbação. Em seguida, na 53, mais um *box* de “saúde em foco”, agora sobre a prevenção do câncer de mama e sobre a importância do autoexame.

Outra atividade proposta no livro é chamada “com a palavra, a especialista”, nesse capítulo a especialista é a Celina Mello, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Esse tipo de atividade

funciona como uma entrevista, com perguntas e respostas, que no caso trazia como principal assunto a adolescência, com temas sobre identidade, fase de mudança, dramas adolescentes, diferenças dessa fase para meninos e meninas, o papel dos pais nessa etapa e sobre escolha sexual. Chama a atenção a palavra “escolha” ao invés de “orientação”. Contudo, outros temas relevantes emergem da entrevista, como o fato de ser uma fase perigosa de aceitação, que pode vir a envolver uma toxicod dependência, anorexia e bulimia, temas de suma importância.

Na atividade “viver” da página 56 há um texto sobre *bullying*, que trata sobre o peso que a internet tem nesse processo de discriminação, o *cyberbullying*. Para fechar, na página 57, encontram-se 13 questões sobre o que foi aprendido no capítulo, em “atividades”. A seguir aparecem, em ordem, as palavras de maior frequência em destaque na nuvem de palavras (figura 4), a contagem e categorização de palavras/expressões do capítulo na tabela 2 e, visualmente, a distribuição das palavras/expressões nas duas categorias no gráfico 2.

**Figura 4: Nuvem de palavras - Capítulo “Sexualidade e vida”**



Fonte: Autoria própria.

**Tabela 2: Frequência e categorização das palavras-chave encontradas no capítulo 2**

Palavra-chave	Variações	Biologizante-higienista	Psicossocial-cultural
		Frequência	Frequência
Reprodução	Reproduzir	4	Zero
Região genital	Sistema genital, órgãos genitais, órgãos sexuais	14	Zero
Hormônios sexuais	Testosterona	21	Zero
Sexualidade	x	3	10
Estimulação sexual	x	2	Zero
Gravidez	Engravidar	3	Zero
Métodos contraceptivos	Deferenctomia, vasectomia, esterilização, laqueadura	6	Zero
Características sexuais	x	9	Zero
Puberdade	x	11	2
Pênis	Esperma, testículo, saco escrotal, prepúcio, túbulos seminíferos, líquido seminal, epidídimo, canais deferentes, uretra, próstata vesícula seminal	59	Zero

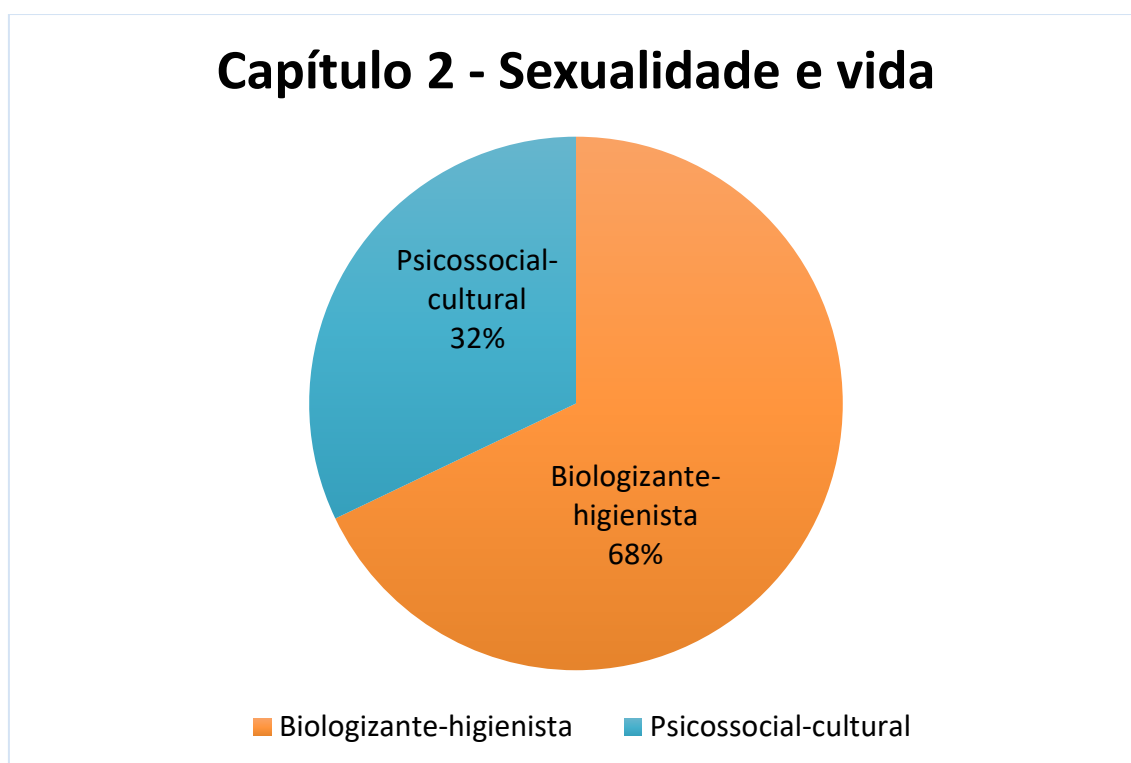
Ovulação	x	1	Zero
Adolescência	Adolescente, adolescer	6	37
Potência sexual	x	3	Zero
Gameta	Gametas, espermatozoide, óvulo, ovócitos	32	Zero
Ejaculação	x	4	Zero
Prazer sexual	Orgasmo, gozo, prazer	4	2
Relação sexual	Relacionamento sexual, ato sexual, sexo	3	3
Masturbação	Masturbar	5	Zero
Vulva	Tubas uterinas, cavidade uterina, ovário, útero, períneo, hímen, mamas, púbis, pudendo, lábios maiores e menores, clitóris, vagina	56	Zero
Virgem	x	1	Zero
Penetração	x	1	Zero
Menstruação	Período menstrual, menstruem, ciclo menstrual	6	1
Saúde genital	x	1	Zero
Absorvente	x	1	Zero
Vida sexual	Padrão sexual	Zero	2

Preconceito	Discriminação	Zero	4
Tabus	x	Zero	3
Estereótipos	Papeis atribuídos pela sociedade a homens e mulheres, função de homem, ser homem, função de mulher, ser mulher, papéis sociais, padrões de comportamento, padronização	Zero	22
Orientação sexual	Identificação sexual, identidade, escolha sexual	Zero	5
Funções sexuais	x	Zero	1
Autoestima	x	Zero	1
Bullying	x	Zero	11
Sociedades matriarcais	x	Zero	1
Ambiente sociocultural	x	Zero	1
Diversidade humana	x	Zero	1
Sexo biológico	x	Zero	1
Aceitação corporal	x	Zero	3

Outros	Depressão, suicídio, toxicodependência, anorexia, bulimia, opressão, intimidação, humilhação	Zero	10
--------	--	------	----

Fonte: Autoria própria

**Gráfico 2: Frequência da categorização do capítulo 2**



Fonte: Autoria própria

### **6.3. Unidade “Vida e reprodução” – Capítulo “Da concepção ao nascimento”**

Como o nome do capítulo já sugere, ele irá tratar de tudo que envolve desde o momento do ato sexual, passando pela fecundação, pela nidação do embrião, pela gestação e, então, o parto. No texto introdutório do capítulo, existe uma breve explicação sobre o encontro dos gametas para a formação do zigoto, lembrando que todos nós já fomos uma célula-ovo.

De início, há uma breve explicação sobre excitação, ato sexual e ejaculação, com o emprego da expressão “relação sexual consensual”. Em seguida, o texto menciona a formação dos gametas femininos, a ovulação e o ciclo menstrual. Nessa última parte, o livro aproveita para abordar assuntos como menarca, menopausa, tensão pré-menstrual e a importância dos absorventes para que mulheres possam continuar a desempenhar suas funções mesmo que menstruadas.

Após essa parte sobre ciclo menstrual, começa um enfoque no período pós-fecundação, com explicações sobre nidação, determinação do sexo biológico do feto, importância da placenta e do cordão umbilical. Além disso, também aborda assuntos como a formação de gêmeos, as diferenças entre o parto normal e a cesariana e a importância da amamentação.

Na página 66 existem duas atividades, “viver” e “saúde em foco”, ambas sobre a amamentação. A primeira traz um trecho disponível no site do Ministério da Saúde sobre o aleitamento materno e, o segundo, um texto sobre a amamentação ser um direito, prevista na CLT e na Constituição, além de ser recomendada pela OMS.

Na sequência, o livro fala sobre a interrupção da gravidez, que pode ocorrer de maneira espontânea ou proposital. Ao falar sobre o aborto, eles trazem informações da legislação brasileira, em que o ele é previsto em caso de estupro, risco de vida materno ou se o feto for anencéfalo.

Já no final do capítulo há duas atividades, o “conviver” que tem como título “desmontando tabus”, onde os alunos são convidados a entrevistarem outros adolescentes da escola sobre, por exemplo, se a masturbação faz mal à saúde, na página 67. E, nas duas últimas páginas (68 e 69), há quinze questões sobre o que foi aprendido. Adiante, encontram-se a nuvem de palavras (figura 5), tabela 3 e gráfico 3 referentes ao capítulo três analisado.

**Figura 5: Nuvem de palavras - Capítulo “Da concepção ao nascimento”**



Fonte: Autoria própria

**Tabela 3: Frequência e categorização das palavras-chave encontradas no capítulo 3**

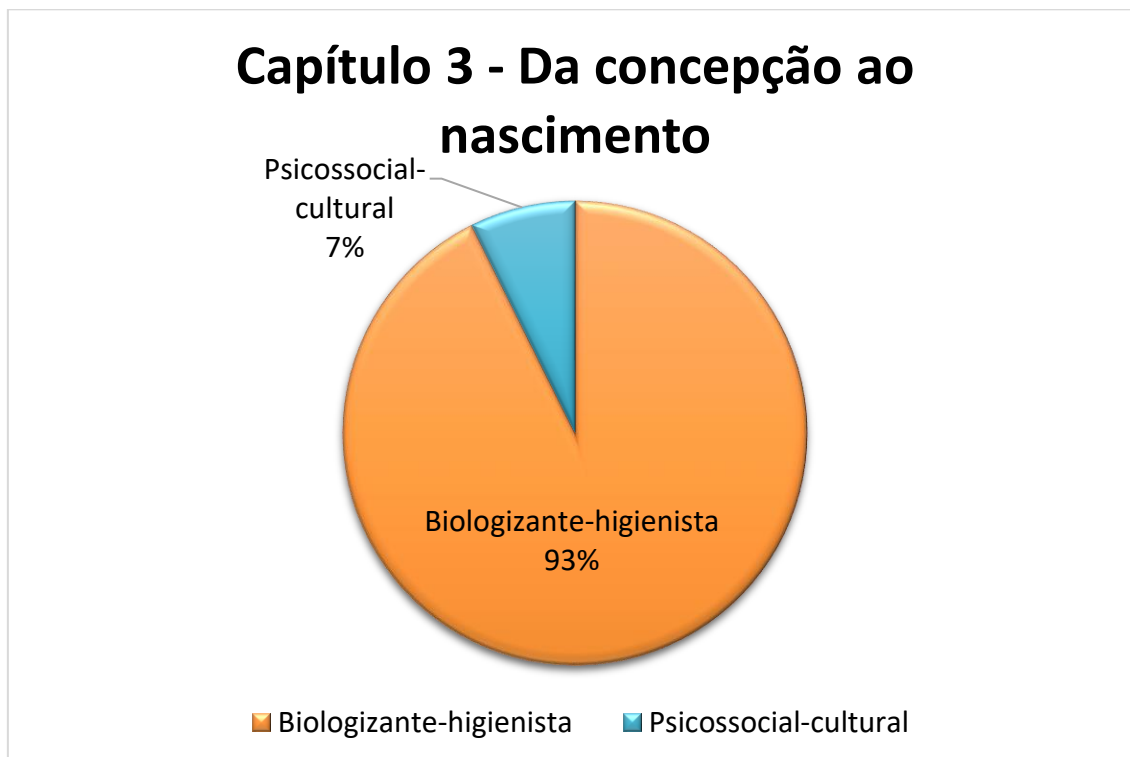
Palavra-chave	Variações	Biologizante- higienista	Psicossocial- cultural
		Frequência	Frequência
Vagina	Útero, ovário, tubas uterinas, canal vaginal	39	Zero
Ato sexual	Relação sexual, coito	8	1
Hormônios	Estrogênio, progesterona	7	Zero
Excitação	x	1	Zero
Pênis	Esperma, sênem, testículos, ejaculação, ereção, ejacular	9	4
Gameta	Espermatozoide, ovócito, óvulo	33	1

Concepção	x	2	Zero
TPM	Tensão pré-menstrual	2	Zero
Ovulação	x	2	Zero
Menstruação	Ciclo menstrual, menarca, menopausa	22	Zero
Características sexuais	x	2	Zero
Gravidez	Grávida, engravidar, gestação	16	Zero
Absorvente higiênico	x	2	Zero
Sexo biológico	x	3	Zero
Órgãos sexuais	x	1	Zero
Puberdade	x	1	Zero
Adolescência	adolescente	2	1
Aborto	x	5	
Tabus	x	Zero	1
Preconceito	x	Zero	1
Sexualidade	x	Zero	2
Órgãos genitais	x	Zero	1
Canal vaginal	x	Zero	1

---

Fonte: Autoria própria

**Gráfico 3: Frequência da categorização do capítulo 3**



Fonte: Autoria própria

#### **6.4. Unidade “Vida e reprodução” – Capítulo “Saúde e sexualidade”**

O início do capítulo é sobre saúde não ser apenas a ausência de doença e sobre a importância de estar com uma boa saúde física e mental, inclusive no que concerne a sexualidade. Sobre ela, não basta não ter uma infecção sexualmente transmissível, mas é também, por exemplo, conhecer o próprio corpo.

Sobre saúde, o capítulo também sugere a ida a um ginecologista e urologista para meninas e meninos, respectivamente. Em seguida, começa a listar as principais infecções sexualmente transmissíveis, como: herpes genital,

candidíase, gonorreia, HPV, clamídia, sífilis, hepatite B e AIDS. De todas, a que recebeu um cuidado maior nas explicações foi a AIDS, além de ter sido a única a ser tratada também sob o viés psicossocial-cultural.

Na página 74, a atividade “zoom”, trabalha assuntos como tabu, preconceito, discriminação e vergonha ao procurar uma ajuda médica, o que prejudica o diagnóstico precoce. Também traz um tema atual, as *fake news*, discutindo que no mundo tão globalizado e imerso nas redes sociais a propagação de informações falsas prejudicam inclusive a vacinação.

Ainda sobre os indivíduos portadores do HIV, o livro fala sobre a possibilidade de vida normal e dos cuidados necessários, inclusive pontuando que não há um grupo de risco, mas sim comportamentos de risco para o contágio. Na página 75, a atividade “conviver” traz um texto sobre o dia mundial da luta contra a AIDS, instituída pela OMS.

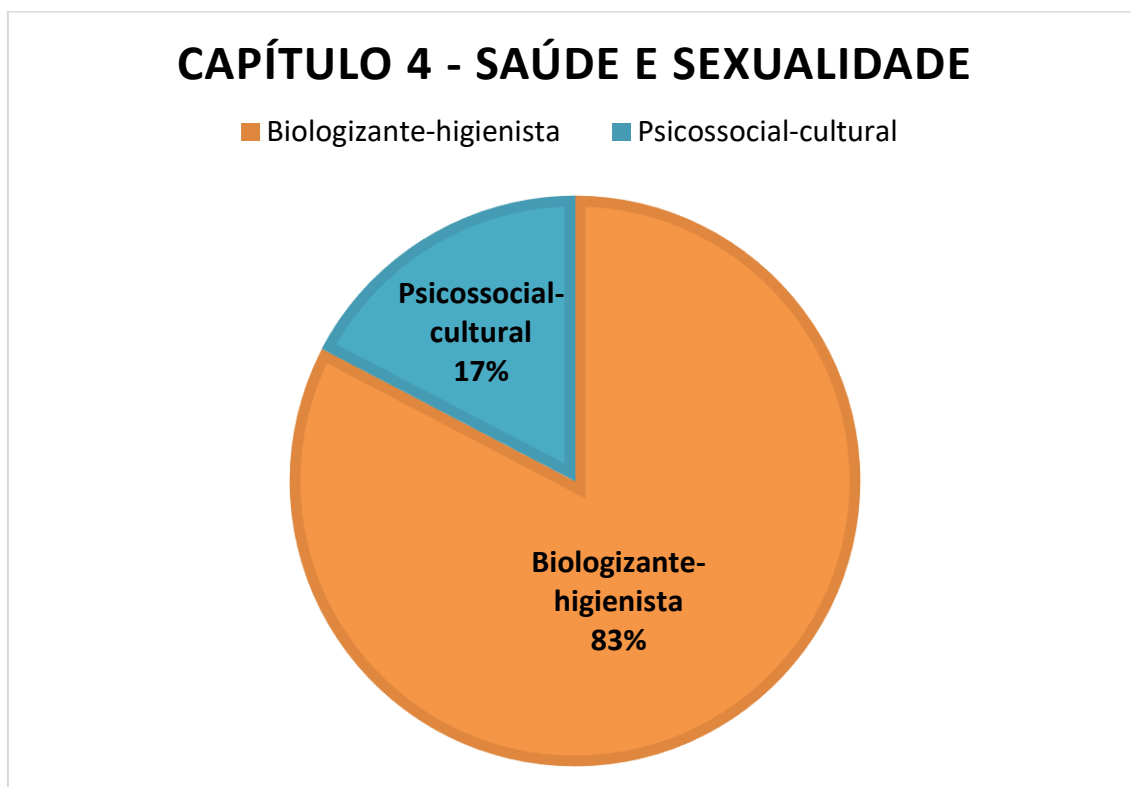
Em seguida, é abordado o método de prevenção de IST, a camisinha, tanto a masculina quanto a feminina. Além da prevenção contra IST, o livro discorre sobre outros tipos de métodos contraceptivos, como: diafragma, coito interrompido, tabelinha, DIU (de cobre e hormonal), pílula anticoncepcional, injeção mensal e trimestral, anel vaginal, implante intradérmico, adesivo anticoncepcional e pílula do dia seguinte.

Na página 80, o tópico “viver” traz dados do Ministério da Saúde em parceria com o Instituto Oswaldo Cruz sobre a baixa adesão ao uso de preservativos. Essa pesquisa, realizada com dois mil homens de diferentes estados brasileiros, pelo instituto Oswaldo Cruz, indica que mesmo sabendo como se prevenir, apenas 31% dos entrevistados fazem uso da camisinha. Na página seguinte, 81, as “atividades” contam com sete questões. Abaixo estão a nuvem de palavras (figura 6), a tabela 4 e o gráfico 4 das análises feitas no capítulo quatro.



	anticoncepcional, pílula do dia seguinte, adesivo anticoncepcional, injeção, implante subdérmico, anel vaginal, métodos para evitar a gravidez		
Gravidez	Gestação, gestante	11	Zero
Adolescente		1	Zero
Virgem	x	1	Zero
Abuso sexual	x	1	Zero
Gravidez indesejada	Gravidez não planejada	5	Zero
Camisinha	Preservativo	28	1
Vírus	Bactérias, fungos	18	Zero
IST	Herpes genital, candidíase, gonorreia, codiloma acuminado, HPV, câncer de colo de útero, clamídia, sífilis, infecção, hepatite B, AIDS, síndrome da imunodeficiência adquirida, doenças	67	10
Ato sexual	Sexo, contato sexual, hábitos sexuais, relações sexuais, coito	27	1
Infertilidade	Esterilidade	2	Zero
Ejaculação	x	4	Zero

Espermatozoide	x	3	Zero
Ovócito	x	2	Zero
Menstruação	Ciclo menstrual	5	Zero
Sexualidade	x	Zero	3
Prazer	x	Zero	1
Vida sexual	x	Zero	1
Autoconhecimento do corpo	x	Zero	1
Tabus	Mitos	Zero	2
Preconceito	Discriminação	Zero	4
Medo	vergonha	Zero	3
Sexo (biológico)	x	Zero	1
Orientação sexual	x	Zero	1
Comportamento de risco	x	Zero	1
Grupo de risco	x	Zero	1
Outros (mídia)	Redes sociais, tecnologia da informação, comunicação	Zero	3
Outros	Conscientizar, esperança, solidariedade, prevenção, apoio, corpo ideal, anorexia, bulimia	Zero	8

**Gráfico 4: Frequência da categorização do capítulo 4**

Fonte: Autoria própria

Terminado o capítulo, existe uma parte de culminância da unidade, com o “caledoscópio”, sobre o corpo real e ideal (páginas 82 e 83); o “retomar”, com 7 questões gerais da unidade nas páginas 84 e 85; e o “visualizar”, nas páginas 86 e 87, com uma espécie de mapa mental, com um resumo na forma de um diagrama de todos os assuntos estudados.

## 7. DISCUSSÕES

O livro de Ciências da Coleção Apoema do 8º ano traz em seu conteúdo diferentes boxes chamados de “seções especiais”, que ajudam a apresentar temas relevantes que, algumas vezes, fogem do conteúdo puramente curricular, para que outros assuntos possam ser debatidos entre os alunos. Na primeira unidade, que foi a porção analisada sob o viés da Educação Sexual neste trabalho, apareceram os boxes intitulados de: “experimental”, “observar”, “conviver”, “viver”, “box saúde em foco”, “zoom”, “com a palavra, a especialista”, “caleidoscópio”, “retomar”, “visualização” e “atividades”.

Em todos eles aparecem, além do proposto, que podem ser um experimento, um texto, uma entrevista, um mapa mental ou uma observação, perguntas sobre aquilo que foi estudado, como um apêndice que é disponibilizado ao longo do texto do capítulo. Já no final do capítulo, existem exercícios, chamados de “atividades”, para finalizar e consolidar aquilo que foi estudado. Ao longo da discussão darei maiores detalhes sobre esses boxes, conforme eles aparecem em cada capítulo.

O primeiro capítulo, “A reprodução”, da unidade 1, refere-se apenas a assuntos biológicos sobre a reprodução dos seres vivos, excetuando o ser humano. Na BNCC, essa é a habilidade EF08CI07, que indica desenvolvimento de uma análise comparativa entre processos reprodutivos, sob um viés evolutivo, de animais e plantas (BRASIL, 2018). Por conta disso, não será necessário tecer argumentos e comentários, uma vez que o assunto faz parte da grade curricular de Ciências e não se encaixa em Educação Sexual.

No capítulo seguinte, “Sexualidade e vida”, encontra-se o maior percentual de aparição de termos inseridos na categoria psicossocial-cultural. Para começar, sexualidade se refere a tudo o que envolve o sexo biológico, o ato sexual, a forma que o indivíduo se identifica quanto ao seu gênero – ou não identificação – e sobre seus desejos sexuais, ou sua ausência. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a sexualidade é:

Uma energia que nos motiva a procurar amor, o contato, a ternura, a intimidade, que se integra no modo como nos sentimos nos movemos, nos tocamos e somos tocados; é ser sensual e ao mesmo tempo sexual. Ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações

com os outros e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

(OMS, 2000, p.9)

Para Britzman (1999), a sexualidade é exterior à cultura e está em constante movimento. Com relação a esse ponto, de fato a fluidez da sexualidade faz com que ela não seja definida pela cultura vigente de uma sociedade em determinado lugar e tempo, mas a forma de se expressar a sexualidade é influenciada pela civilização e hábitos.

A identidade sexual, ou melhor, o gênero e a sexualidade humana se dão de maneira social e são construídos em sociedade desde o nascimento do indivíduo (LOURO, 2008). A autora faz uma reflexão sobre a frase célebre de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” e a amplia também para o gênero masculino. Essa expansão é feita por essa construção não ser natural, tanto para mulheres quanto para homens, nem é algo oriundo da natureza, assim como é o sexo biológico. Logo, o gênero e a sexualidade humana são uma construção social, que necessita de empenho por parte daqueles que tem o poder de definir as regras da sociedade. Em suma, a palavra gênero carrega consigo um peso político (LOURO, 1997).

Sobre a abertura de possibilidades mencionada anteriormente, como a ausência de binaridade ou sobre relacionamentos não-heterossexuais ou indivíduos assexuais, Louro (2008) indica que a trincheira agora traçada não é mais para discutir a existência ou não desses grupos, mas sim deles fazerem parte de maneira enérgica de processos de apropriação de suas próprias histórias e representações culturais para toda a sociedade. Ou seja, admitir e reafirmar que as barreiras impostas do masculino *versus* feminino e heterossexual *versus* homossexual vão muito além dessa dicotomia de palavras e que esses limites cada vez mais expandem-se.

Para Foucault (1999), “o sexo não se julga apenas, administra-se” (p. 27). Com essa frase, o autor propõe que o sexo seja falado de forma pública, que não seja limitado por ordenações e sem limitações daquilo que é lícito ou ilegal, de forma a coordenar e inserir em sociedade para que seja bom para todos. Com isso, falar sobre a sexualidade, também na escola, é poderoso, é dar liberdade de expressão para os docentes e para os discentes

A sexualidade é inerente a vida, estando presente desde o nascimento até a morte de um indivíduo e, muitas vezes, é confundida com o ato sexual em si, o que acaba gerando estranheza quanto a defesa da Educação Sexual desde as idades iniciais da fase escolar, uma vez que uma criança já vivencia a sua sexualidade. Essa ideia é exposta no capítulo dois do livro, porém de forma reduzida, no seguinte trecho:

Em nossa cultura, por vezes há uma tendência de reduzir a sexualidade à sua função reprodutiva e concentrá-la no aspecto genital, sem levar em conta a importância dos sentimentos e das emoções dos envolvidos. Isso pode gerar preconceito de alguns em relação a quem está fora dos estereótipos sexuais. Cada um pode viver muito bem, e plenamente, de seu jeito e conforme sua orientação sexual.

(PEREIRA *et al*, 2018, p. 36)

Como pode ser visto no trecho anterior, os sentimentos e emoções foram considerados no texto, o que costuma ser ansiosamente esperado pelos alunos, devido à necessidade de falar sobre suas emoções durante o afloramento da puberdade (BRITZMAN, 1999). Ademais, também são mencionadas outras relações sexuais que são “fora dos estereótipos sexuais”, ou seja, fora da heteronormatividade. Contudo, não foi dado o verdadeiro valor, com mais explicações e detalhamentos, a tudo que envolve esse termo tão rico – sexualidade.

Aproveitando o parágrafo retirado do livro, essa é uma das pouquíssimas vezes que se falou sobre LGBTQIA+. Em outras quatro vezes, termos como identificação sexual, identidade (no que diz respeito a sexualidade) e escolha sexual compuseram o total de aparições nesse capítulo, nenhum outro retorna ao tema de diversidade sexual. Os materiais didáticos utilizados em sala de aula funcionam como orientadores pedagógicos, sendo uma “voz de poder, de autoridade” (ANDRADE, 2018). A presença desse tema poderia ser uma quebra de paradigmas e um potencial questionar, que iria de encontro a diversas condutas sociais que necessitam ser reconstruídas, de acordo com Andrade (2018).

Contudo, essa escolha que o livro apresenta pode ser vista como um espelho do que vem ocorrendo desde 2011. Ainda no governo Lula, foi elaborado um projeto “Escola sem homofobia”, onde materiais didáticos feitos pelo

Ministério da Educação e ONGs do movimento LGBT seriam distribuídos para escolas públicas, como relembra Andrade (2018).

Porém, esses materiais nunca chegaram a ser distribuídos pois causam controvérsias na Câmara dos Deputados, o que deu origem às *fake news* tão difundida nas eleições de 2018 sobre o “kit gay”. A partir desse momento, ocorre no congresso, de maneira mais enérgica, uma busca maior pelo conservadorismo na educação e uma preocupação em retirar qualquer indício de debate sobre diversidade sexual.

Como bem indica Bittencourt (2008), o livro didático sofre diversas influências, uma vez que é uma mercadoria. As editoras e autores precisam escrever livros com conteúdos que sejam aceitos por aquele que detém o poder de decisão no momento de compra, que simplesmente reflete os momentos políticos-ideológicos em que a sociedade se encontra. Assim, os livros legitimam aquilo que é aceito, ou seja, a heteronormatividade e discursos biológico no que concerne a sexualidade (ANDRADE, 2018).

No livro, existe um apagamento de pessoas trans, não havendo em momento algum uma menção a esses corpos, que rompem barreiras de gênero e sexo biológico (TCHALIAN, 2017). Esse apagamento em livros didáticos, ao mesmo tempo que reflete a realidade de violência de gênero e transfobia no Brasil, reforça esse ciclo de violência, uma vez que a “não fala” também é uma forma de “fala”.

O corpo trans vai além da cultura, lei e costume de sociedades em que a heterossexualidade e a cisnormatividade são tidos como padrão, eles vão além do particular e passa a ser político, vide os ataques sofridos pelas bancadas evangélicas e conservadoras contra pessoas trans (TCHALIAN, 2017). De acordo com o *Trans Murder Monitoring* de 2015, que fez um monitoramento de assassinatos de pessoas trans entre 2008 e 2014, quase 40% das mortes registradas no mundo ocorreram no Brasil.

A simples alocação do corpo trans a determinado gênero binário também configura uma forma de silenciamento, uma vez que corpos trans transcende da lógica feminino e masculino. Já o apagamento na educação é projeto político, já que no Plano Nacional de Educação (PNE) foram retirados diversos temas da

Educação sexual, como gênero, e na BNCC também houve a supressão de “orientação sexual”, sob justificativa de gerar muita controvérsia (MELLO; TONINI, 2019).

Como já comentado nos resultados, o “termo escolha sexual” utilizado no box “com a palavra, a especialista” é equivocado, onde a psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, a Celina Anhaia Mello, responde à pergunta “Como descrever a adolescência?” dizendo:

A adolescência se caracteriza por ser este momento de passagem, de perda de um corpo infantil, de busca de uma identidade, de escolha sexual de inserção em um mundo que se apresenta com novas exigências internas e externas.

(PEREIRA *et al*, 2018, p.54)

O termo mais adequado sobre a atração entre os indivíduos é orientação sexual, uma vez que não parte de uma escolha individual a atração ou não, por qualquer que seja o gênero do outro. O conceito orientação sexual surge na década de 1980 e é visto, pelo movimento gay, como um avanço para a ideia dissipada a época de que relações não heterossexuais seria uma doença ou que seria algo como uma escolha/preferência/opção sexual (SOUSA FILHO, 2009).

Entretanto, o autor Sousa Filho (2009) faz uma ressalva em seu trabalho. A ideia de que a pessoa nasce com essa dada orientação faz com que alguns cientistas e estudiosos passem a buscar explicações, como em análises de tomografia, que traga uma justificativa para o desejo sexual do indivíduo, o que gera, novamente, um caráter preconceituoso e conservador no conceito de “orientação”. Além disso, de acordo com Cardoso (2008), a sexualidade é uma área do conhecimento estudada por diferentes vertentes e, por isso, apresenta alguns conceitos com propostas explicativas distintas, como é o caso da orientação sexual.

Ainda segundo Cardoso (2008), a orientação sexual é, na maioria das áreas e para a maioria dos autores, o desejo sexual, que pode ser fantasioso, ou seja, por aquele que se deseja relacionar, ou fisiológico, em que há ereção peniana ou lubrificação vaginal. Sendo assim, a ciência sexológica é facilmente maleável, uma vez que a diversidade sexual humana é muito ampla e, geralmente, há juízo de valor em quem escreve sobre ela (CARDOSO, 2008)

Retomando a análise da primeira página do capítulo dois, página 36, pontos positivos do livro podem ser destacados, como a importância de mencionar o padrão sexual que é difundido pela mídia, considerado prejudicial principalmente no período de descobertas sexuais, como é o caso da adolescência. Além disso, na infância, existe um processo propagado, por algumas mídias, de erotização infantil, que preocupa responsáveis e professores (REIS; MUZZETI; LEÃO, 2014).

Nitidamente, a mídia exerce influência no nosso comportamento social, mas a propagação da existência de uma única forma de viver plenamente sua sexualidade é o que gera controvérsias. O imediatismo tecnológico, gerado pela mídia e redes sociais, disponibiliza material audiovisual e textual que distorce o sexo e prejudica os efeitos da Educação Sexual (SANTOS *et al*, 2020). Sobre isso, o texto do livro analisado reafirma:

Propuseram-se a diversas teorias, realizaram-se vários estudos, e o tema continua sendo explorado em jornais, revistas e propagandas de televisão, muitas vezes gerando polêmica. Percebe-se que há, frequentemente, uma idealização da vida sexual, dando a falsa impressão de que existe uma fórmula única de viver plenamente a sua sexualidade, um padrão sexual, um modelo rígido ao qual todas as pessoas devem se adaptar.

(PEREIRA *et al*, 2018, p.36)

Ainda na página, um parágrafo pequeno aparece para mostrar a importância do prazer sexual, para que o ato não esteja restrito às funções reprodutivas. Nesse capítulo em específico, a temática foi abordada com as palavras “prazer sexual”, “orgasmo”, “gozo” e “prazer” seis vezes, sendo duas no viés psicossocial-cultural, e as outras quatro no higienista-biologizante. A importância de falar sobre o prazer sexual recai principalmente para as mulheres, que costumam sofrer de disfunção sexual.

No Brasil, em um estudo envolvendo 1.219 mulheres, foi observado que a disfunção sexual atinge 49% das mulheres com pelo menos uma queixa, tendo 23% relatado apresentar dispareunia. Tais dados são comparáveis aos de outros países. Ainda, no estudo de Reissing *et al.*, foi relatado que 10 a 15% das mulheres tiveram experiência de algum tipo de dor na relação sexual, levando a suspeita de vaginismo. Não existe epidemiologia clara a respeito da prevalência de vaginismo na população. No estudo de Shokrollahi, no qual foram estudadas mulheres que faziam parte de um programa em clínicas de planejamento familiar no Irã, o índice de mulheres que sofriam de vaginismo foi de 12%. Aproximadamente 10% a 20% das mulheres que procuram assistência devido a alguma disfunção sexual sofrem dessa desordem. A prevalência de vaginismo é mais rara (1% a 6%), porém

ainda não é possível determinar sua real prevalência na população, devido à escassez de estudos na literatura.

(AVEIRO; GARCIA; DRIUSSO, 2009)

Nas próximas três páginas do livro – 37, 38 e 39 – abordam o assunto estereótipo dos gêneros, começando com o título “O masculino e o feminino na sociedade”. Nessa fase de puberdade que os alunos do 8º ano ainda estão passando é importante frisar que essas mudanças corporais geram as características secundárias sexuais, que vão ocorrer de maneira natural e que a sociedade tentará moldar a sua forma de agir, de vestir, de responder a situações cotidianas.

De acordo com Louro (1997), a distinção das atividades desempenhadas entre homens e mulheres com relação a suas funções biológicas diferentes, não são, na verdade, por conta de suas características sexuais secundárias, mas de uma diferenciação no valor dos trabalhos desempenhados. Para a autora, é interessante entender como que essa representação é vista pela sociedade para compreender a dicotomia entre os sexos biológicos.

Contudo, esses paradigmas precisam mudar, por mais que o comportamento social seja ditado pela sociedade atual, faz-se necessário um debate amplo sobre aceitação e identificação. Inclusive, fugindo um pouco das sociedades ocidentais patriarcais, o livro traz um texto sobre papéis sociais em que cita a existência de sociedades matriarcais, o que demonstra que é a sociedade que molda esses valores.

Esses papéis sociais permeiam o conceito de gênero que é político, social, cultural e histórico, passando a ser utilizado no Brasil no final da década de 1980 pelo movimento feminista (LOURO, 1997). Para Louro (1997), não há vontade de se distinguir o corpo com sexo biológico do gênero com que o indivíduo se identifica. Contudo, a forma com que é construída a distinção do gênero vai além da biologia, entendendo que o “ser homem” ou “ser mulher” é plural, não apenas para determinado local ou época, mas dentro de um mesmo grupo social há diferenças.

Ainda nesse texto do LD, há uma reflexão sobre identidade corporal, respeito a diversidade, expressão de sentimentos, estímulo ao debate e senso crítico. Além de mencionar que somos afetados pelo “ambiente sociocultural” e

que devemos respeitar os nossos diferentes. Nesse momento há uma brecha no livro para a pergunta: o que é o esperado para a sociedade para que seja considerado normal e o que é o diferente?

Fica, ao mesmo tempo, uma brecha de diálogo aberto para o debate entre docente e discente, além de uma falha de comunicação, entre a dicotomia do normal e do diferente perante a sociedade, em que o livro analisado quer dizer sobre ser diferente quanto aos papéis de gênero. Seria uma boa oportunidade de inclusão de pautas como a não identificação na binaridade, a existência de pessoas transsexuais, que se reconhecem, dentro do sistema binário, como sendo do outro gênero, que não o seu biológico.

De acordo com Reis e Pinho (2016), a construção binária de gênero carece de interseccionalidades de classe e etnia, que muitas vezes é caracterizada sem uma contextualização. Já a transexualidade, que os autores chamam de transgeneridade, não é um desvio do que a natureza impõe, e sim da imposição cultural-social. Enquanto os não-binários, além dessa transgressão social, eles ultrapassam os limites das dicotomias.

Com isso, a construção da identidade de um indivíduo é produzida ao longo da vida, a partir de apropriações de comportamentos e regras que são impostas para cada gênero e sexo (REIS; PINHO, 2016). Segundo os autores, essa exposição aos comportamentos pode ser aceita ou rejeitada, sendo a identidade de gênero uma concepção individual para uma expressão em sociedade. Como a identidade é uma construção oriunda da socialização, a escola como espaço de socializar, pode ser um potencial opressor ou um agente de inclusão, pelo reconhecimento entre os alunos de suas diversidades e individualidades.

Na seção especial do capítulo dois, há uma atividade para que os alunos falem frases que eles já ouviram sobre os papéis de gênero e a forma que o professor vai conduzir a atividade pode ser bastante enriquecedora para os alunos. O percurso de formação do conceito de gênero é social e geralmente há uma dicotomia entre: o sexo biológico é natural *versus* o gênero é uma construção social.

Reis e Pinho (2016) trazem uma discussão sobre “determinismo natural”, dizendo que o sexo biológico é também uma construção cultural para caracterizar a natureza do dimorfismo sexual, estabelecendo relações de poder – na matriz da heteronormatividade – sob uma justificativa anatômica e fisiológica. Ainda de acordo com eles, essa relação entre as duas polaridades é estabelecida sob o viés de hierarquização entre os gêneros e sexo, em diferentes graus, mas em diversas sociedades já observadas. A seguir, a figura 7 mostra a atividade “Jogo dos Papéis” aqui discutida:

Figura 7: Jogo dos papéis

**Conviver**

**Jogo dos papéis**

Com a orientação do professor, junte-se aos colegas e procurem um espaço amplo na escola onde possam se organizar em um grande círculo.

**Material:**

- bola;
- mural com cartaz ou papel pardo;
- caneta, marcador ou giz.

**Procedimentos**

1. Após formar o círculo, escolham uma pessoa para registrar as respostas no mural ou papel, à medida que forem sendo dadas. Registrem as respostas sob os cabeçalhos "Mulheres são..." e "Homens são..."
2. O professor ou um aluno será o dinamizador do jogo, colocando-se no centro do círculo com a bola na mão.
3. Essa pessoa iniciará dizendo "As mulheres são..." ou "Os homens são..." e, ao mesmo tempo, atinará a bola para qualquer um dos participantes. Quem apanhar a bola deve completar a frase rapidamente, sem tempo para refletir, dizendo um adjetivo ou característica que, para ele, define "ser mulher" ou "ser homem", de acordo com a afirmativa iniciada pelo dinamizador.
4. Em seguida, devolverá a bola para o dinamizador, que a lançará para outra pessoa, possibilitando que todos os membros participem da atividade pelo menos uma vez. Variem as afirmativas para que haja respostas em igual número referentes aos dois sexos biológicos.

No final, o grupo analisará e debaterá os resultados registrados no quadro.

Propostas de tópicos para debate mediado pelo professor:

- Em que as duas colunas do quadro são semelhantes? Em que elas diferem uma da outra?
- Todos concordam com as características das listas? Por quê?
- Que estereótipos podemos identificar?
- Como as diferentes características, responsabilidades e expectativas podem afetar as opções e os projetos de vida de mulheres e homens?
- Como essas diferenças são vistas em outras sociedades?
- Que características tradicionalmente atribuídas ao homem ou à mulher estão relacionadas a aspectos biológicos [ao corpo] e quais são socialmente construídas [aquelas que "aprendemos" ou sobre as quais ouvimos falar]?
- Pesquisem na internet aspectos relativos aos direitos humanos, aos direitos sociais e às condições de vida de homens e mulheres no Brasil.

**Ampliar**

**Plataforma UNA**  
www.una.org/ecossistema  
Apresenta um mapa interativo e atualizado com iniciativas e as organizações para igualdade de gênero, incluindo empresas, ONGs, núcleos de instituições educativas, governos, coletivos etc.

**ONU-Mulheres-Br**  
www.onumulheres.org.br  
O site divulga ações, programas e projetos que buscam promover a equidade entre homens e mulheres.

39

Fonte: PEREIRA *et al*, 2018, p.39.

Outro ponto abordado é o rito de passagem, da fase infantil para a adulta, que traz uma relevância a temas transversais como cultura, e pode ser desenvolvido em conjunto com outras disciplinas, como História e Sociologia. Esse rito de passagem, que na maioria das culturas ocidentais é chamado de adolescência, não tem importância em outras culturas. O livro aborda que não

há essa fase intermediária, em culturas diferentes da nossa, e dá alguns exemplos de ritos que mostram o fim da infância e início da fase adulta.

O entendimento dessa etapa da vida compreende a transição da infância para a fase adulta da vida. Segundo Streck e Malacarne (2018), esse período é comum em sociedades ocidentais como etapa preparatória para a vida adulta, sendo uma necessidade do ser humano a existência de ritos para a demarcação de etapas da vida. Para Dias e colaboradores (2019), a maioria das sociedades modernas ocidentais considera essa etapa uma transição para a chegada da maturidade social, que configuraria o momento de responsabilidade ativa do indivíduo para com a sua comunidade, a partir de aprendizagens que são transmitidas pelos antepassados.

Em algumas culturais, a adolescência dura apenas o período em que ocorre dada cerimônia que marca essa transição – como abordado pelo livro analisado, é o que ocorre com algumas comunidades indígenas -, mas em outras pode perdurar meses ou anos (DIAS *et al*, 2019). No que os autores chamam de sociedades “hipermodernas”, a tradição ritualística é cada vez mais perdida e essa fase transicional é esquecida, o que faz com que haja uma lacuna imprecisa sobre os limites do adolecer. Nesse caso, as convenções dessas sociedades são diferentes dependendo do que esteja na moda, ainda mais em tempos de globalização e de mídias sociais.

Nessa fase também são frequentes as modificações corporais, que algumas culturas impõem a essa etapa, circuncisões, perfurações, mutilações e outras, o que só demonstra que o corpo do jovem pertence ao corpo coletivo dessas sociedades (DIAS *et al*, 2019). Mas, seja qual for a cultura que esse adolescente esteja inserido, a modificação tem caráter de alteração do seu *status* social. Não só a adolescência, mas também a infância se trata de uma construção histórica, determinada pela sociedade e sua respectiva condição financeira, social, tradições e costumes; uma vez que, a construção social do que se entende hoje em dia como infância, advém do capitalismo e das regras de trabalho acordadas pelo sistema (REIS; MUZZETI; LEÃO, 2014).

A seção “viver”, que aparece a seguir no livro, é um texto de Lucia Helena Rangel sobre a transição para o mundo adulto. Nele, a autora aborda as

diferenças sociais inerentes à adolescência e sobre a ampliação desse período nos tempos atuais. Assim, é mencionado que existe uma demora maior para o início da fase reprodutiva, mas que o início das responsabilidades para as classes mais altas está relacionado com a fase estudantil, podendo se prolongar ainda mais com a faculdade. Enquanto isso, crianças de 10 anos, de classes mais baixas, já são retiradas das escolas para assumirem cargos de trabalho.

Ou seja, nossa sociedade não tem critérios nítidos para definir essa fase de vida, adolescência, uma vez que a sua classe social definirá até quando você está nesse momento transicional. De acordo com pressupostos do trabalho de Ozzela e Aguiar (2008), o ser humano é uma congruência entre o social e a história, que faz dele um ser singular, mas inserido em um contexto dado pela sua historiografia. Em sua pesquisa, que analisou mais de 800 jovens das diferentes classes sociais (de A a E) de São Paulo, uma diferença bastante sentida foi com relação aos medos diferentes entre os jovens.

Uma diferença que chama a atenção diz respeito aos meninos de classe D e E, predominantemente negros. Apesar de também reproduzirem as concepções instituídas sobre adolescência, sobre a idéia de crise, de conflitos, a adolescência aparece como algo que acarreta sofrimento. Revelam grande preocupação com a vida, falam do perigo das drogas, das frustrações, dos medos, das impossibilidades: “sou jovem, mas já conheço o outro lado da vida”; “para mim a adolescência não é só para curtir, mas tentar dar o máximo... para não acabar na escuridão”.


(OZZELA; AGUIAR, 2008, p. 105)

Essa diferença que a classe social impõe ao jovem é o que os autores configuram como sendo um adolescente que é diferente dos “manuais da Psicologia”. Não se pode negar que a inserção social e histórica do jovem funciona como interseccionalidades, ao se analisar o adolescer, e que os riscos e medos de que essa fase traz serão diferentes, também, com relação a etnias.

Desta forma, as perguntas subsequentes ao texto, convidam a reflexão do estudante, sendo interessante para uma educação crítica sobre como determinadas fases humanas podem ser subtraídas dependendo de sua classe social e os convida a pesquisar no Estatuto da Criança e do Adolescente sobre trabalho infantil.

**Figura 8: "No caderno"**

Após a leitura, junte-se a um colega, pesquisem as informações necessárias e respondam às questões a seguir. Depois, compartilhem com a turma suas respostas e as informações obtidas.



- 1 Que idade vocês consideram ser o marco da passagem para a vida adulta? Por quê?
- 2 Que eventos ou acontecimentos vocês consideram importantes nessa passagem?
- 3 Essa passagem – na prática – pode variar nas diferentes sociedades? E nas classes sociais?
- 4 Como é a vida dos adolescentes em diferentes países/sociedades?
- 5 Informem-se sobre o que diz o Estatuto da Criança e do Adolescente e a legislação brasileira a respeito do trabalho infantil e juvenil. O que mudou no Brasil em relação ao passado?

Fonte: PEREIRA *et al*, 2018, p. 41

Na página seguinte, a seção especial trata sobre a sexualidade na mídia, uma vez que ela exerce forte influência no desenvolvimento humano, sendo tanto uma influência para a sociedade quanto um espelho dela. Ainda mais na realidade da sociedade urbana atual, em que as mudanças midiáticas ocorrem rapidamente, com o desenvolvimento dos meios de comunicação e redes sociais (REIS; MUZZETI; LEÃO, 2014). A atividade convida a refletir sobre as etnias contempladas, as formas de se relacionar, os estereótipos de gênero, os tabus e preconceitos.

**Figura 9: Sexualidade na mídia**

 **Conviver** ■■■

### Sexualidade na mídia

Ao fazer uma busca na internet sobre o que significa ser adolescente, pode-se encontrar frases como as seguintes:

- Ser adolescente é ver seu corpo se modificar, ter vergonha, ter dúvidas, ter sensações de prazer e de desprazer.
- É um tempo de mudanças físicas, sociais e psicológicas marcadas por intensos sentimentos de alegria, dor, angústia e curiosidade.
- É vivenciar novas experiências numa fase de mudanças.
- É atravessar um período difícil de transição pelo qual o corpo e a mente passam.

Façam as atividades a seguir.  **em grupo**

- 1 O comportamento masculino e o feminino, em termos de relações amorosas entre seres humanos, como o namoro, têm se mantido iguais ao longo do tempo? Justifique sua resposta.
- 2 Com o apoio do professor, organize um debate com a turma no qual você e os colegas analisarão como as novelas e séries de TV abordam os conteúdos relativos à sexualidade humana.



- I. Escolham uma novela ou série de TV adequada à idade de vocês (verifiquem a classificação na programação).
- II. Combinem a qual novela assistirão e a quantos capítulos.
- III. Determinem quais são os principais itens a serem observados.

Vocês podem considerar as seguintes questões, explicando e dando exemplos:

- As novelas reforçam tabus, estereótipos ou preconceitos ligados à sexualidade? De que modo?
- Que tipos de comportamento são estimulados? Diferem para homens e mulheres?
- Em que tipos de atividade estiveram envolvidas as homens e as mulheres?
- Vocês perceberam alguns padrões nos quais homens e mulheres estivessem representados?
- As diferentes etnias estão representadas?

- 3 Sigam a mesma estrutura da atividade anterior e agora debatam anúncios e comerciais.
  - Que tipos de produto eram anunciados pelas mulheres? E pelos homens?
  - Vocês acham que os anúncios são realistas?

Fonte: PEREIRA *et al*, 2018, p. 42.

Os meios de comunicação têm cada vez mais se colocado como pontos centrais de entretenimento sexual e difusores de informações sobre sexualidade, conquistando grandes espaços (REIS; MUZZETI; LEÃO, 2014). Nesse embalo da globalização, os meios midiáticos são responsáveis por aquilo que propagam e pelos indivíduos que atingem. Nos últimos anos, *realities shows* vêm conquistando um público cada vez mais jovem e conteúdos erotizados vem ganhando a grande mídia.

De acordo com Furlani (2009), os anúncios de publicidade não interferem em nossa vida apenas ao estimular o que se compra, mas eles funcionam também como influenciadores de incorporação de discurso, acerca da representação de gêneros e sexualidade. Ou seja, por mais que um adolescente possa não ter o poder de compra, que é o que se propõe com a propaganda, pelo menos as suas informações atingem de maneira educacional informal. Segundo a autora, isso pode gerar “uma identidade dos sujeitos”, que legitima ou não a desigualdade sexual, o machismo, o sexismo, a homofobia, o racismo e a misoginia.

Depois desse conteúdo voltado à Educação Sexual psicossocial-cultural, com algumas falhas já mencionadas, como a falta de assuntos relacionados ao LGBTQIA+, o capítulo retorna ao seu eixo higienista-biologizante. Como exemplo, as mudanças corporais sofridas durante a adolescência, tanto em homens quanto em mulheres; sistema reprodutor feminino e masculino; e métodos contraceptivos definitivos.

Para uma Educação Sexual emancipatória, é necessário que haja a explicação biológica. Afinal, para um autoconhecimento corporal, em todos os sentidos, desde o anatômico até o prazer, é necessário que haja um conhecimento sobre as mudanças fisiológicas que o corpo passa na adolescência, dos nomes e locais de sua genitália e o entendimento sobre a função hormonal.

Para a Educação Sexual, a saúde também é de extrema importância. Logo, as seções desse capítulo, “Sexualidade e vida”, sobre o câncer de mama (a importância do autoexame) e o câncer de próstata são pontos que merecem destaque. Pinheiro e colaboradores (2017) propõem a intersectorialidade entre profissionais de educação e de saúde para o trabalho da temática de saúde na Educação Sexual nas escolas.

A ideia de integração dos saberes é sempre muito bem recebida no campo teórico das ideias, mas o artigo deixa nítido que ambos os grupos profissionais indicam que o outro é o principal responsável pela abordagem. É comum nesse debate o questionamento sobre quem é o responsável pela Educação Sexual, o que acaba por prejudicá-la, uma vez que a ideia de união de áreas é realmente

interessante, mas isso pode criar um distanciamento de ambos os grupos. Inclusive, no artigo, são trazidos problemas relacionados à falta de preparo dos profissionais da saúde, que acabam se distanciando dos jovens, já que não se sentem à vontade para tirar suas dúvidas e, nesses casos, o atendimento ao jovem gira em torno da “cura” de enfermidades.

Além desses dois boxes sobre saúde e câncer, há ainda um sobre ginecomastia, um assunto que costuma incomodar muitos meninos que se deparam com um aumento anormal de mamas durante a puberdade e, dentro da mesma página, há um texto focalizado, o “zoom”, que fala sobre a masturbação, que não deve ser tabu para a escola.

Ao final do capítulo, a penúltima seção especial trata sobre *bullying* e *cyberbullying*. O primeiro, ocorre principalmente em ambiente escolar, por mais que possa ocorrer em outros ambientes sociais também, sendo considerado um fenômeno social (VIEIRA JÚNIOR *et al*, 2020). Os exercícios propostos nessa seção não serão sempre viáveis para qualquer instituição de ensino, pois indicam convidar um psicólogo ou um outro profissional competente para servir de mediador para um debate e para uma palestra. No Colégio Pedro II, a atividade seria possível por ter disponíveis psicólogos nos *campi*, permitindo a sua realização.

Estudos mostram, segundo Vieira Júnior e colaboradores (2020), que em um ambiente escolar acolhedor, as chances de desenvolvimento de um agressor e de uma vítima diminuem, sendo, portanto, papel da escola mitigar os efeitos danosos causados pelo *bullying*, que em muitos casos está associado ao suicídio de indivíduos em idade escolar.

Já o mundo virtual ajuda os jovens em suas autoafirmações em grupos e na sua construção de identidade, uma vez que a *internet* permite uma nova forma de comunicação e de integração interpessoal (DIAS *et al*, 2019). Entretanto, a *internet* esconde seus perigos, como grupos de suicídio e *cyberbullying*, que levam preocupação aos responsáveis e à escola.

O *bullying*, como já mencionado, pode ser classificado como ações de ameaças e difamações, podendo ocorrer no espaço real ou virtual, o que faz com que ainda mais jovens sejam expostos a imagens de violência, racismo,

autoagressões e discursos de ódio (DIAS *et al*, 2019). Os adolescentes são tão vítimas como também agressores, uma vez que há relatos, de acordo com os autores, sobre a forma compulsiva de compartilhamento na *internet* sem se preocupar com as consequências cabíveis. Isso faz com que haja um sentimento de impunidade nas redes, como se não existisse uma autoridade ou uma possibilidade de identificação de culpados (SEIXAS *et al*, 2016).

Já na última seção estão as atividades do capítulo dois, com perguntas pragmáticas e biológicas sobre o que foi aprendido. As questões têm, em sua maioria, caráter técnico, arguindo sobre as glândulas e partes anatômicas. Contudo, as duas primeiras perguntas são sobre o que marca a adolescência e a importância sobre conhecer o corpo para passar pela puberdade com mais tranquilidade.

Após o exposto, fica clara a importância desse segundo capítulo para o livro como um todo, já que nele 32% dos achados na leitura flutuante correspondem a categorização de psicossocial-cultural e 68% a biologizante-higienista. Sendo, então, o momento mais oportuno de se trabalhar a Educação Sexual de uma maneira mais ampla, contra tabus, discriminação e preconceitos, palavras estas que apareceram, em conjunto, sete vezes.

Já o terceiro capítulo, “Da concepção ao nascimento”, a porcentagem de termos e expressões na categoria psicossocial-cultural diminui para meros 7%. Essa baixa representatividade trouxe palavras como relação sexual, ejaculação, ereção, adolescência, sexualidade, órgãos genitais, masturbação, tabu e preconceito, conforme exposto na tabela 5.

O primeiro trecho desse capítulo, que merece comentário, é sobre relações sexuais consensuais, algo que precisa ser ensinado aos adolescentes. De acordo com Arruda e colaboradores (2020), o início precoce da vida sexual, antes dos 13 anos de idade, aumenta o risco de abuso sexual, por haver uma falha na distinção de uma relação sexual consensual e a sua vulnerabilidade sexual.

Como já mencionado anteriormente, a mídia influencia muito o jeito dos jovens se relacionarem, existindo uma pressão extremamente machista e misógina. Observa-se essa pressão, principalmente nos relacionamentos

heterossexuais, em que os homens são expostos desde muito jovens à pornografia, sem que esses valores sobre consensualidade sejam abordados.

Segundo a autora:

Na relação sexual consensual, a atração provocada pelos estímulos e pelas reações hormonais faz com que os toques e as sensações táteis sejam muito prazerosos. Os jogos amorosos, as carícias, a ternura, o contato dos lábios e de outras partes do corpo, a excitação, tudo isso compõe o ritual de preparação do ato sexual, que é o ápice do encontro entre os parceiros sexuais.

(ARRUDA, 2020, p. 58)

Ademais, o parágrafo em discussão do livro não faz distinção do tipo de relação, deixando de maneira neutra o termo “parceiros sexuais”. Por mais que não esteja restrito às relações heterossexuais, mais uma vez foi deixada de lado a oportunidade de tratar, por exemplo, das relações homoafetivas de maneira aberta e clara.

A diante, trata-se de tudo que diz respeito à concepção de uma criança. Ainda na primeira página, depois do parágrafo que recebeu destaque, fala-se sobre a ejaculação na vagina, sem uso de preservativo, após o momento de ereção e de excitação. E que, assim, pode ocorrer o encontro dos gametas e a concepção.

Assuntos como ovulação, fecundação, menstruação, gestação, formação de gêmeos, parto e amamentação são tratados no decorrer do capítulo. Na parte de menstruação, trata-se de assuntos importantes para o corpo biológico feminino, a importância de absorventes e a diferença entre menarca e menopausa.

Duas seções especiais, “viver” e “saúde em foco”, tratam a questão da amamentação, do que é recomendado pelo Ministério da Saúde, pela Organização Mundial da Saúde e sobre o que é previsto pelas leis trabalhistas. Na segunda seção, é sugerida uma pesquisa sobre as leis de proteção para mães estudantes, adotivas, em regime prisional e trabalhadoras rurais.

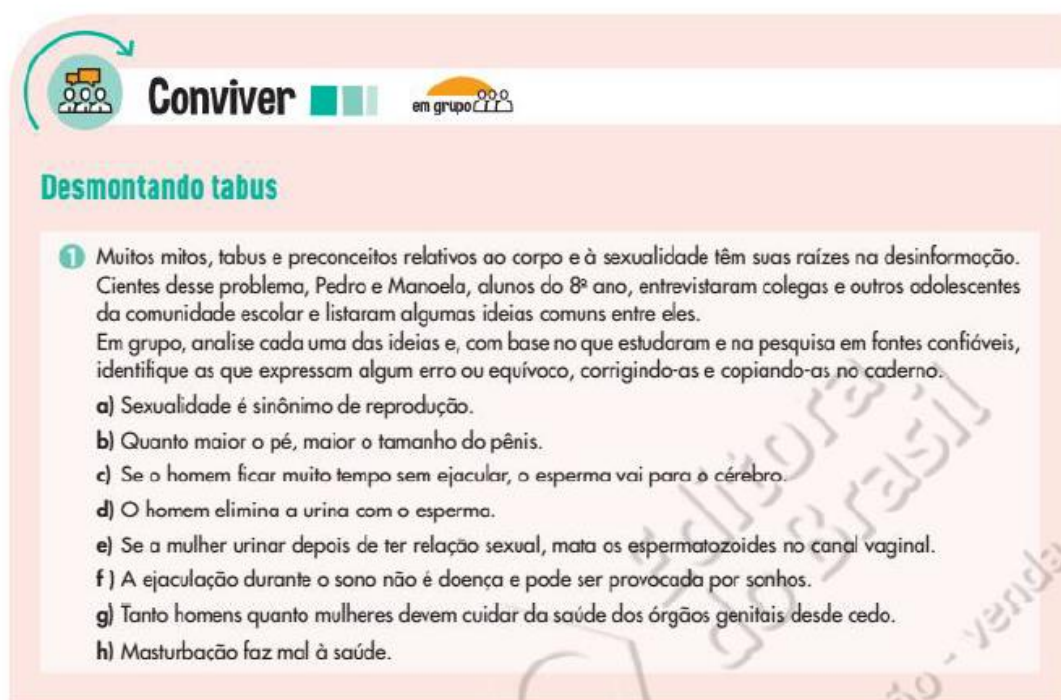
Chegando ao final do capítulo três, o livro traz o assunto aborto de maneira sucinta, apenas indicando que a interrupção da gravidez pode ocorrer de maneira natural ou artificial, em casos especiais como o abuso sexual, risco

para a vida materna ou em caso de anencéfalos. Contudo, os alunos não são convidados a debater sobre esse assunto que está tão em voga em pautas, principalmente feministas.

Uma das possibilidades para a temática seria debater sobre como a ilegalidade do abortamento, ato de abortar, afeta de maneira distinta mulheres de diferentes classes sociais, o que acaba por configurar um problema de saúde pública, por colocar em risco a vida de mulheres, notadamente, as de classes sociais mais pobres (SANTOS *et al*, 2020). O risco, portanto, é vivido por mulheres que não tem recursos financeiros para buscar por médicos para que seja feito o abortamento de maneira segura, mesmo que seja na ilegalidade, de acordo com o Ministério da Saúde (2009).

Para finalizar, a penúltima seção especial é a “conviver”, que convida os alunos a debaterem sobre alguns assuntos que geram curiosidade ou são de senso comum (Figura 10). E finaliza, novamente, com as questões da seção “atividades”, desta vez, todos os itens são da categorização biologizante-higienista, exceto a questão 14 que pede para os alunos falarem sobre a menstruação em diferentes culturas e pergunta o que já ouviram que as mulheres não poderiam fazer estando menstruadas.

**Figura 10: Desmontando tabus**



**Conviver** em grupo

### Desmontando tabus

1 Muitos mitos, tabus e preconceitos relativos ao corpo e à sexualidade têm suas raízes na desinformação. Cientes desse problema, Pedro e Manoela, alunos do 8º ano, entrevistaram colegas e outros adolescentes da comunidade escolar e listaram algumas ideias comuns entre eles. Em grupo, analise cada uma das ideias e, com base no que estudaram e na pesquisa em fontes confiáveis, identifique as que expressam algum erro ou equívoco, corrigindo-as e copiando-as no caderno.

- Sexualidade é sinônimo de reprodução.
- Quanto maior o pé, maior o tamanho do pênis.
- Se o homem ficar muito tempo sem ejacular, o esperma vai para o cérebro.
- O homem elimina a urina com o esperma.
- Se a mulher urinar depois de ter relação sexual, mata os espermatozoides no canal vaginal.
- A ejaculação durante o sono não é doença e pode ser provocada por sonhos.
- Tanto homens quanto mulheres devem cuidar da saúde dos órgãos genitais desde cedo.
- Masturbação faz mal à saúde.

Fonte: PEREIRA *et al*, 2018, p. 67.

O último capítulo da unidade 1, “Saúde e sexualidade”, tem em sua primeira página um texto que relaciona a sexualidade com a saúde e a definição dessa última. Com isso, termos como prazer e o autoconhecimento corporal surgem na explicação, como pode ser analisado a seguir:

O conceito de saúde é bem mais amplo do que simplesmente não estar doente. Em relação à sexualidade, estar saudável vai além da prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e de tratamento médico do sistema genital. Para isso, é importante conhecer o próprio corpo e assim poder reconhecer sinais de alerta para o que pode ser uma ameaça ao equilíbrio das funções vitais. Isso também vale para a vida sexual, o que reforça a importância do autoconhecimento do corpo e sua intimidade, do diálogo e da busca de informações para as dúvidas que surgirem.

(PEREIRA *et al*, 2018, p. 70)

Esse é o segundo capítulo de maior prevalência de temas na categorização psicossocial-cultural da unidade, totalizando 17% das palavras e expressões sendo inseridas nessa categoria. Para além da primeira página, a porcentagem corresponde aos textos das seções especiais, já que todas abordam de maneira social e cultural os métodos de prevenção à gravidez e às infecções sexualmente transmissíveis.

Um exemplo é o “zoom”, que aborda o fato de as ISTs serem um grande tabu e fonte de preconceito na sociedade, que leva à demora na procura por ajuda médica. De acordo com Silva (2013), o preconceito tem um entendimento dinâmico por revelar uma relação de poder, seja ele social, político, racial, econômico, entre outras instâncias. Essa primeira seção ainda correlaciona esse preconceito com a disseminação de *fake news*, que levam à desinformação sobre o assunto, extremamente prejudicial quando se trata de saúde da população.

A IST que mais sofre estigmatização é a infecção por HIV, pois o público-alvo da pesquisa, realizada pela desconfiança de que os sintomas se tratavam uma nova doença, por exemplo pneumonia atípica, até a descoberta do novo vírus, foi feita com homens homossexuais e jovens. Com isso, essa pesquisa realizada em cidades dos EUA, pelos Centros de Estudos dos Estados Unidos da América, criou no imaginário de muitos que apenas esse grupo contraía o

HIV, tendo o tabu no início da década de 1980, quando o mundo se viu tomado pela epidemia de AIDS. (FONSECA *et al*, 2020).

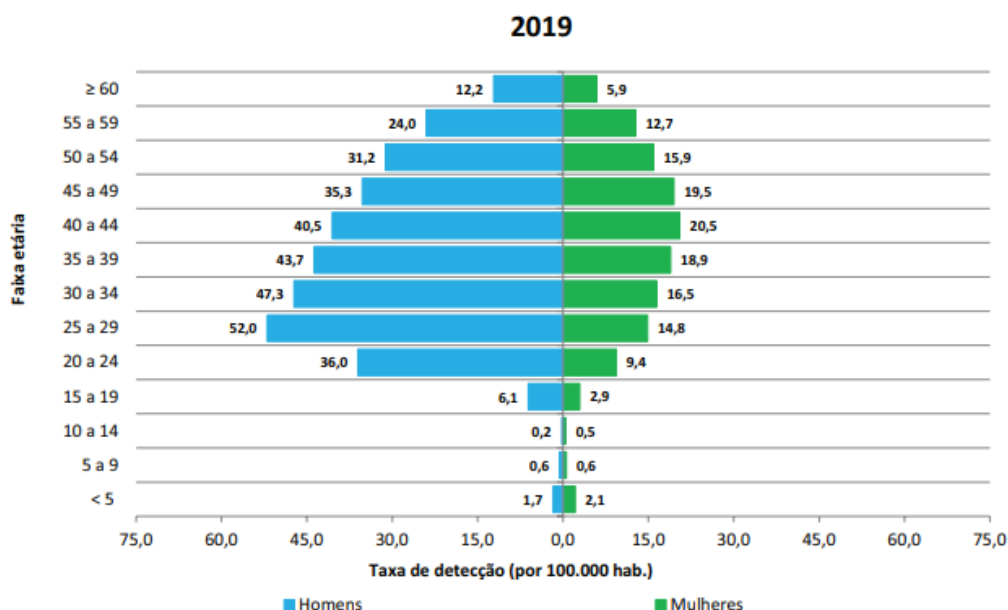
Segundo os autores, o vírus foi reconhecido em quatro grupos denominados de “4H”, que seriam os homossexuais (considerado um sexo de risco), os haitianos (por conta da exploração sexual), os hemofílicos (por receberem sangue contaminado, pela falta de triagem adequada) e os heroídanos (usuários de heroína, pelo compartilhamento de material perfurocortante). Junto a essa identificação dos grupos mais afetados e políticas conservadoras estadunidenses, o tabu e preconceito em cima dos soropositivos foi instalado (FONSECA *et al*, 2020), seus resquícios permanecem até hoje.

Já a segunda seção especial do capítulo quatro é um “Conviver”, sobre o Dia Mundial da Luta contra a AIDS. O texto e a atividade propõem uma abordagem na comunidade escolar sobre a discriminação e preconceito, com palestras ou visitas em casas que acolhem pessoas soropositivas, e sugere que os alunos procurem por propagandas sobre prevenção contra a AIDS.

Essa atividade é pertinente, principalmente com uma IST que gera tantas vítimas de discriminação. Quando o texto de apoio fala sobre buscar o grupo social de maior incidência para que a campanha tenha maior significado, é primordial trazer à discussão que o número de soropositivos entre jovens e héteros tem crescido na última década.

De acordo com o Boletim Epidemiológico HIV/AIDS de 2020, de 1980 até junho de 2020 foram 1.011.617 de casos de AIDS registrados no Brasil, sendo que nos últimos cinco anos a média de novos casos é de 39 mil por ano e esses números vêm diminuindo, tendo sido 37.308 casos em 2019. A distribuição de casos entre os sexos é bastante destoante, nos últimos 40 anos (1980-2020) foram 65,7% de casos em homens e 34,3% de casos em mulheres. O gráfico 5 mostra a distribuição de casos em 2019 entre homens e mulheres em diferentes faixas etárias:

**Gráfico 5: Taxa de detecção de AIDS (por 100.000 hab.) segundo faixa etária e sexo. Brasil, 2009 e 2019**



Fonte: Sinan, Siscel/Siclom, SIM

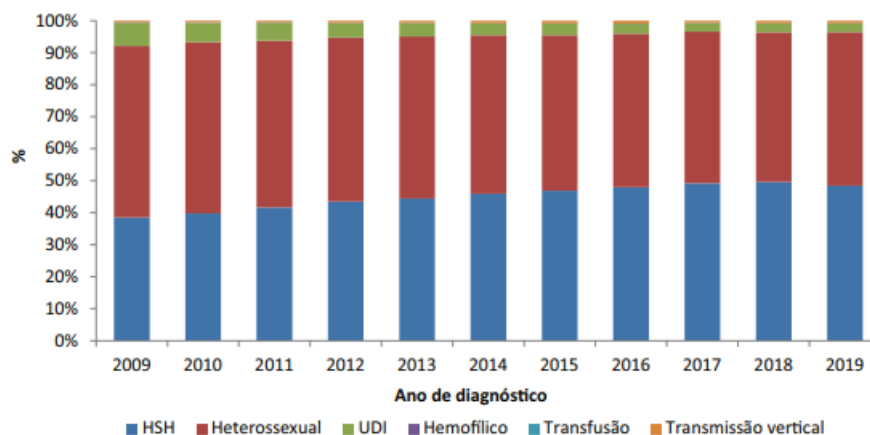
É importante notar, de acordo com os dados fornecidos pelo Ministério da Saúde, que a faixa etária com a maior quantidade de novos casos entre os homens encontra-se nos jovens, entre 25 e 29 anos. O relatório também destacou um aumento entre jovens de 15 a 19 anos de 64,9% e de 20 a 24 anos de 74,8% entre 2009 e 2019.

O relatório também mostra as principais causas dessa infecção. Entre indivíduos com menos de 13 anos, 88,8% se infectaram com o vírus pela transmissão vertical, ou seja, de mãe para filho, o que por si só já se mostra um dado alarmante. Sabemos que com o aquedado acompanhamento de pré-natal esse risco de contágio chega a quase zero, demonstrando uma falta de abrangência de saúde básica.

Já entre indivíduos com mais de 13 anos, a principal via de transmissão em 2019 foi a sexual, totalizando 79,3% para os homens e 87,3% para as mulheres. Para os homens, 39,8% foram em relação homo/bissexual e em sexo heterossexual foi de 39,5%, o que mostra ser um quantitativo muito próximo, mostrando que não existe tipo de relação sexual de risco e sim sexo de risco. Esses dados ajudam a combater o preconceito sobre as relações homossexuais.

Maiores informações encontram-se no gráfico 6, retirado do relatório do Ministério da Saúde, onde HSH é a relação sexual entre homens e UDI representa os usuários de drogas injetáveis.


**Gráfico 6: Distribuição percentual dos casos de AIDS em homens de 13 anos ou mais segundo categoria de exposição, por ano de diagnóstico. Brasil, 2009 a 2019.**



Fonte: Sinan (atualizado em 30/06/2020)

Pode ser feita uma conexão da discussão sobre HIV com a próxima seção especial, a “viver”, que traz a informação de que por mais que os jovens saibam se prevenir contra uma gravidez não planejada e contra ISTs, eles confirmam não usar qualquer proteção na maior parte das relações sexuais. Aqui, cabe relatar que no texto fala-se DST, mesmo sendo de 2017, vale lembrar que a mudança de termo ocorreu em 2016 pelo Ministério da Saúde.

Figura 11: "Viver"

 **Viver**

**Jovens sabem prevenir DSTs e gravidez, mas só 31% se protegem**


A cada ano, aumentam os números de diagnósticos de DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) pela falta do uso de preservativos. Dados do Ministério da Saúde apontam que 40 mil novos casos de DSTs, como HIV, sífilis e hepatites virais, são diagnosticados a cada ano. Além disso, apenas no Brasil, 30% das gestações acontecem sem planejamento, segundo o Instituto Oswaldo Cruz. Os dados evidenciam a falta de prevenção de gravidez e DSTs, apesar de a maioria dos jovens conhecer os métodos de proteção.

[...] O estudo ouviu 2 mil homens, com idades entre 15 e 25 anos, em Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Curitiba (PR), Goiânia (GO), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP).

Embora as doenças e a gravidez sejam preocupação dos brasileiros, 73% dos entrevistados revelaram já ter feito sexo sem usar nenhum método contraceptivo, e isso começa cedo: 53% dos entrevistados tiveram a primeira relação sexual entre 13 e 16 anos.

A pesquisa também mostra que 48% afirmam preferir que suas parceiras tomem pílula anticoncepcional e apenas 24% são a favor de combinar o uso da camisinha com a pílula. Quando questionados sobre os motivos de não usarem camisinha, 16% responderam que "não queriam acabar com a diversão", 12% afirmaram que não tinham camisinha na hora, 11% esqueceram de usar, 10% decidiram arriscar e 9% estavam alcoolizados ou sob uso de drogas. [...]

Disponível em: <<https://noticias.r7.com/saude/jovens-sabem-prevenir-dst-e-gravidez-mas-so-31-se-protegem-27092017>>. Acesso em: 12 jun. 2018.



Camisinha distribuídas gratuitamente pelo governo.

Fonte: PEREIRA *et al*, 2018, p. 80

De acordo com um estudo realizado em 2009 por Malta e colaboradores (2011), 89,4% dos alunos de escolas particulares e 87,5% de escolas públicas recebem as informações adequadas sobre como se prevenir de uma gravidez, onde conseguir os anticoncepcionais de maneira gratuita pelo SUS e informações para a prevenção contra o HIV. Contudo, o Brasil apresenta a gravidez na adolescência ainda em níveis alarmantes, visto que são poucos os jovens que utilizam preservativos na primeira relação sexual, sendo impulsionados pelo prazer e pela curiosidade a começar sua vida sexual de maneira precoce, de acordo com o que concerne a OMS (ARRUDA *et al*, 2020).

Na pesquisa realizada por Arruda e colaboradores (2020), apenas 56,3% de 128 adolescentes que responderam ao questionário como sendo sexualmente ativos, usaram preservativo na primeira relação sexual. Alguns dos entrevistados, um total de três pessoas, tiveram a primeira relação sexual aos sete anos de idade, e estudos apontam que quanto mais novo é o indivíduo na sua sexarca, primeiro ato sexual, as chances de utilização de camisinha reduzem e o risco de o ato ter sido fruto de um abuso sexual aumenta.

A última seção do capítulo é o “Atividades”, sendo que todas as perguntas feitas para retomar o conteúdo aprendido no capítulo entraram na categoria biologizante-higienista. Retornando à parte textual, como já exposto nos resultados, trata-se de um capítulo que aborda as principais ISTs e os principais métodos contraceptivos, o que faz com que 83% do capítulo esteja na mesma categoria que as questões de retomada do capítulo.

De acordo com Britzman (1999), a educação da sexualidade na escola, principalmente no que concerne HIV/AIDS, é um jogo de “respostas estáveis”. O autor sugere em sua pesquisa que as dúvidas e respostas sobre o tema são de conhecimento de todos, no sentido de já se saber as formas de infecção e as formas de prevenção. Com isso, há um impedimento de que o desenrolar do currículo seja mais abrangente, abarcando curiosidades, fazendo que haja apenas o que é certo *versus* o que é errado (BRITZMAN, 1999).

Todavia, uma parte textual merece destaque, por abordar pessoas que são soropositivas, na parte destinada a essa IST, podem ter uma vida normal, desde que haja um acompanhamento médico, inclusive as mulheres podem engravidar sem infectar seus filhos.

Quem tem HIV trabalha, estuda e convive com família e amigos, pode namorar, beijar na boca e se relacionar sexualmente [...]. No caso de gestantes soropositiva, é importante também manter os cuidados necessários e o acompanhamento médico durante a gravidez e a amamentação, para evitar o contágio do bebê.

(PEREIRA *et al*, 2018, p. 74)

De acordo com Fonseca e colaboradores (2020), há uma redução de danos. O HIV era visto como uma sentença de morte e, hoje em dia, com a utilização adequada de medicamentos antirretrovirais e alternativas terapêuticas, os indivíduos conseguem levar uma vida dita “comum”. Os autores ainda adicionam o viés psicossocial com a colaboração de uma equipe multidisciplinar para a melhoria na qualidade de vida, principalmente no que concerne os elos afetivos, como famílias, amigos e cônjuges.

Como a escolha do livro, a ser analisado neste estudo, foi feita devido ao fato de ter sido o escolhido pelo Colégio Pedro II, fez-se necessária a realização de uma análise no que o Projeto Político Pedagógico Institucional (2017-2020) espera sobre a Educação Sexual e tudo que ela envolve. No entanto, cabe uma

ressalva, o PPPI está desatualizado devido à pandemia de COVID-19. Logo, o documento não está de acordo com a BNCC, que foi homologada em 20 de dezembro de 2017 pelo MEC. O quadro 3 expõe o conteúdo programático de Ciências do 8º ano:

**Quadro 3: Conteúdo programático de Ciências do 8º ano no Projeto Político Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, em vigência (2017-2020)**

MÓDULO/EIXO/TEMA	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
Introdução ao estudo da espécie humana	<ul style="list-style-type: none"> <li>O homem como animal mamífero e primata.</li> </ul>
A célula animal	<ul style="list-style-type: none"> <li>Componentes das células eucariotas: membrana plasmática, citoplasma e núcleo;</li> <li>Divisão celular: caracterização básica dos processos de mitose e de meiose e relação com o desenvolvimento humano.</li> </ul>
Introdução ao estudo dos tecidos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>Características gerais dos tecidos (epitelial, conjuntivo, muscular e nervoso) e relação entre tais características e a função desempenhada.</li> </ul>
Reprodução humana	<ul style="list-style-type: none"> <li>Anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino;</li> <li>Ciclo menstrual, gravidez e métodos contraceptivos;</li> <li>Principais DSTs e prevenção.</li> </ul>
Nutrição e Digestão humanas	<ul style="list-style-type: none"> <li>Definição de digestão e relação com a manutenção da vida;</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Nutrientes: classificação funcional; dieta e saúde;</li> <li>Anatomia e fisiologia do sistema digestório.</li> </ul>
Respiração humana	<ul style="list-style-type: none"> <li>Anatomia e fisiologia do sistema respiratório;</li> <li>Respiração celular e respiração sistêmica.</li> </ul>
Circulação humana	<ul style="list-style-type: none"> <li>Anatomia e fisiologia do sistema circulatório;</li> <li>Tipos sanguíneos (sistemas ABO e Rh) e transfusões.</li> </ul>
Excreção humana	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conceito de excreção e principais excretas;</li> <li>Anatomia e fisiologia do sistema urinário;</li> <li>Relação entre sistema urinário e pele.</li> </ul>
<b>Conexões</b> O conteúdo de 8º ano possibilita conexões com as disciplinas: História, Ciências Sociais, Artes e Língua Portuguesa.	

Fonte: COLÉGIO PEDRO II, 2017/2020, p.174 e 175.

Como pode ser visto, não há menção sobre sexualidade, orientação sexual, identidade sexual, gênero e nem qualquer tema que esteja em consonância com a categorização psicossocial-cultural. Entretanto, na fundamentação teórica e estratégias metodológicas dos segmentos iniciais, ou seja, Ensino Fundamental I aparecem ideais para além do que está no quadro anterior, o que chama a atenção por esse mesmo discurso não aparecer nos anos finais.

É fundamental, também, que as crianças possam conhecer o comportamento da natureza e o processo da vida; conhecer o próprio corpo, respeitando a individualidade do corpo humano na formação da integridade pessoal; compreender a saúde como valor pessoal e social; compreender a sexualidade sem preconceitos. Assim, busca-se o desenvolvimento das capacidades de refletir, de questionar e de agir na busca de soluções para problemas individuais e coletivos; o desenvolvimento da capacidade investigativa na busca do conhecimento e o respeito à vida e ao ambiente.

(COLÉGIO PEDRO II, 2017/2020, p. 130)

Contudo, o quadro 2 indica a possibilidade de interdisciplinaridade com História, Ciências Sociais, Artes e Língua Portuguesa. Por isso, os quadros dessas disciplinas, que contemplam a conexão com Ciências, estão expostas a seguir (quadros 4, 5, 6 e 7).

#### **Quadro 4: Conteúdo programático de Ciências Sociais do 8º ano no Projeto Político Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, em vigência (2017-2020)**

2º Trimestre: Ideologia capitalista, juventude e contra-hegemonia	
Temas	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ideologia capitalista e visão de mundo das classes dominantes;</li> <li>• Indústria cultural e o monopólio dos meios de comunicação;</li> <li>• Cultura de massa, sociedade de consumo e a construção do jovem na sociedade capitalista;</li> <li>• Comunicação alternativa e contra-hegemonia: resistências da juventude brasileira.</li> </ul>	
Referências teóricas	Pontos Nodais
<ul style="list-style-type: none"> <li>• T. Adorno;</li> <li>• M. Horkheimer;</li> <li>• Gramsci;</li> <li>• Walter Benjamin;</li> <li>• Octavio Ianni;</li> <li>• Marilena Chauí;</li> <li>• Vito Giannotti;</li> <li>• Venício A. de Lima;</li> <li>• Elisa Guarana de Castro;</li> <li>• Regina Novaes;</li> <li>• Luiz Antonio Groppo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ideologia;</li> <li>• Indústria Cultural;</li> <li>• Concentração dos meios de comunicação;</li> <li>• Consumismo;</li> <li>• Juventude;</li> <li>• Práticas de contra-hegemonia;</li> </ul>
Objetivos	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender as noções de meritocracia, individualismo e consumismo como elementos da ideologia capitalista;</li> <li>• Reconhecer a juventude como categoria socialmente construída;</li> <li>• Compreender a função da indústria cultural na construção de uma identidade jovem;</li> <li>• Identificar os canais de comunicação alternativa como práticas de contra-hegemonia juvenil.</li> </ul>	
<p>Questão Motivadora: <i>Indústria Cultural: é possível viver sem?</i></p>	

Fonte: COLÉGIO PEDRO II, 2017/2020, p.477.

#### **Quadro 5: Conteúdo programático de História do 8º ano no Projeto Político Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, em vigência (2017-2020)**

Conceitos: Antigo Regime, Iluminismo, Liberalismo, Liberdade, Igualdade, Conservadorismo, Capitalismo, Revolução, Revolução Liberal-Burguesa Voto Censitário / Sufrágio Universal, Movimentos Sociais, Socialismo, Cidadania, Revolução Industrial, Propriedade Privada, Burguesia / Proletariado, Monarquia, República, Independência / Dependência, Emancipação Política, Império, Aristocracia, Trabalho Escravo, Trabalho Livre / Trabalho Livre Assalariado, Diversidade Cultural, Unitarismo / Federalismo, Imperialismo, Nação / Nacionalismo, Haitianismo.	
EIXOS	CONTEÚDOS
A formação do mundo contemporâneo	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O Iluminismo e a crise do Antigo Regime;</li> <li>2. As revoluções liberais-burguesas e suas contradições;</li> <li>3. As Revoluções Industriais e as tensões no capitalismo liberal: os movimentos sociais dos trabalhadores e das mulheres;</li> <li>4. A África antes do neocolonialismo: organizações sociais e políticas antes da década de 1870.</li> </ol>
Os processos de independência nas Américas	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. As independências nas Américas;</li> <li>2. O reformismo ilustrado português e as suas consequências no Brasil;</li> <li>3. A transmigração da Corte Portuguesa e a emancipação política do Brasil.</li> </ol>
O Império do Brasil: a construção e a consolidação do Estado Nacional Monárquico	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A organização política da monarquia brasileira e as tensões políticas, sociais e econômicas do Primeiro Reinado;</li> <li>2. O Período Regencial: descentralização e movimentos sociais e políticos;</li> <li>3. Segundo Reinado: aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais;</li> <li>4. Homens livres pobres, mulheres, negros e indígenas nos oitocentos: dinâmicas sociais, econômicas e culturais;</li> <li>5. A crise da escravidão: o término do comércio transatlântico de negros, a Lei de Terras e a transição do trabalho escravo para o trabalho livre;</li> <li>6. A crise da Monarquia e a transição para a República/Abolição.</li> </ol>

Fonte: COLÉGIO PEDRO II, 2017/2020, p.376.

**Quadro 6: Conteúdo programático de Artes Visuais do 8º ano no Projeto Político Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, em vigência (2017-2020)**

CONTEUDOS	OBJETIVOS	PONTOS NODAIS
<b>(1º Trimestre)</b>		
1) Arte colonial brasileira; 2) Barroco no Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar os elementos formais e visuais que constituem a Arte Colonial;</li> <li>Identificar os elementos formais e visuais que constituem o Barroco no Brasil;</li> <li>Produzir / Expressar plasticamente composições sobre os temas abordados no trimestre.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Arte Brasileira do período colonial.</li> <li>As características estéticas e formais da arte colonial brasileira: Arquitetura (militar, civil e religiosa).</li> <li>As características estéticas e formais do Barroco no Brasil: pintura, escultura e arquitetura.</li> </ul>
<b>(2º Trimestre)</b>		
1) A imagem neoclássica; 2) A missão artística francesa; 3) A imagem no romantismo; 4) A Academia de Belas Artes no Brasil (primeiros anos).	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar os elementos formais e visuais que constituem a Arte Neoclássica na Europa;</li> <li>Identificar os elementos formais e visuais do Neoclássico presentes nos trabalhos dos artistas da Missão Artística Francesa;</li> <li>Identificar os elementos formais e visuais que constituem a arte do Romantismo na Europa;</li> <li>Reconhecer os conceitos e os elementos formais e visuais da Arte do Neoclássico e do Romantismo europeu, que influenciaram a Arte Acadêmica no Brasil nos primeiros anos;</li> <li>Produzir / Expressar plasticamente composições sobre os temas abordados no trimestre.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>As características estéticas e formais do Neoclássico na Europa e no Brasil: pintura, escultura e arquitetura;</li> <li>As características estéticas e formais do Romantismo na Europa e no Brasil: pintura e escultura;</li> <li>A construção da imagem no Século XIX na Europa e no Brasil e suas tensões entre a razão e a emoção;</li> <li>A construção da imagem nacional pela Academia de Belas Artes.</li> </ul>
<b>(3º Trimestre)</b>		
1) A visualidade do Realismo; 2) Academia de Belas Artes no Brasil (anos finais - séc. XIX); 3) Impressionismo: Europa e Brasil 4) Fotografia: a	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar os elementos formais e visuais que constituem o Realismo na Europa e no Brasil;</li> <li>Identificar os elementos formais e visuais que constituem o Impressionismo na Europa e no Brasil;</li> <li>Destacar como o movimento impressionista influenciou os rumos da arte no século seguinte;</li> <li>Identificar os elementos formais e visuais que constituem a Fotografia;</li> <li>Produzir / Expressar plasticamente composições sobre os temas abordados no trimestre.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>As características estéticas e formais do Realismo na Europa e no Brasil: pintura e escultura;</li> <li>A visualidade Realista;</li> <li>A busca do nacional a partir da visualidade e da sensação: A Arte</li> </ul>

<p>experiência da luz - enquadramento; registro do momento.</p>		<p>Brasileira no final do século XIX;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• As características estéticas e formais do Impressionismo na Europa e no Brasil: pintura;</li> <li>• O sentido visual na Arte; Eliseu Visconti;</li> <li>• A fotografia: conceito e técnicas.</li> </ul>
---	--	--

Fonte: COLÉGIO PEDRO II, 2017/2020, p.315 e 316.

**Quadro 7: Conteúdo programático de Português do 8º ano no Projeto Político Pedagógico Institucional do Colégio Pedro II, em vigência (2017-2020)**

PRIMEIRO TRIMESTRE		
Gêneros	Aspectos textuais e linguísticos	Produção de texto
<p><b>PRIMEIRA PÁGINA DOS JORNAIS</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise de elementos multimodais (tamanho das manchetes, largura das letras, tipo e cor das fontes ou dos outros títulos), fotos e legendas, chamadas;</li> <li>• relação entre o custo, a manchete e o público-alvo a que o jornal se destina, avaliando as consequências dessas escolhas;</li> <li>• admitir que todo veículo de comunicação tem um alinhamento ideológico, assim como os leitores;</li> <li>• variabilidade linguística;</li> <li>• denotação e conotação;</li> <li>• semântica e função dos tempos verbais empregados;</li> </ul>	<p>Trabalho escrito em grupo: análise comparativa da primeira página dos principais jornais de grande circulação no Rio de Janeiro.</p>
<p><b>NOTÍCIA E REPORTAGEM</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valores semânticos e pragmáticos dos verbos <i>dicendi</i>;</li> <li>• discurso direto e indireto e seus efeitos de sentido;</li> <li>• implicações pragmáticas do uso da 3ª pessoa;</li> <li>• diferenças entre fato e versão (existirá diferença?);</li> <li>• o mito da objetividade;</li> <li>• revisão de transitividade verbal (verbos nocionais indicando ações ocorridas em torno do fato noticiado; verbos de ligação);</li> <li>• revisão de sujeito e tipos de sujeito;</li> </ul>	<p>Produção de notícias, reportagens ou vídeo-reportagens sobre variados assuntos, adotando estratégias diversificadas (notícia a partir de uma imagem, a partir de um título; escrita do título e</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>formas de indeterminar o sujeito e seus propósitos comunicativos nas notícias; valor argumentativo das formas de indeterminar o sujeito (observação: revisão de indeterminação do sujeito com o verbo na 3ª pessoa do plural, visto no 7º ano, e introdução à indeterminação do sujeito com o índice -SE); apresentação e explicitação das diferenças do uso de estruturas formais e informais de indeterminação do sujeito (ex: você, geral).</li> <li>revisão de predicado verbal e nominal; predicativo do sujeito;</li> <li>revisão de adjunto adverbial;</li> <li>revisão de complementos verbais;</li> <li>ensino das vozes verbais, agente da passiva, explorando o propósito comunicativo e o enfoque dado quando se emprega determinada voz verbal;</li> <li><b>papéis temáticos: agente e paciente.</b></li> </ul>	<p>subtítulo a partir da notícia; escrita do <i>lead</i> a partir do corpo e vice-versa);</p> <p>Retextualização: preparação de um plano para fazer a vídeo-reportagem, levando em conta que deverá ser apresentado oralmente.</p>
CRÔNICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>crônicas literárias: trabalhar elementos da narrativa;</li> <li>crônicas argumentativas: trabalhar elementos dos textos prototipicamente argumentativos (tese, argumentos);</li> <li>figuras de linguagem: comparação, metáfora, metonímia, eufemismo e ironia, antítese.</li> </ul>	Produção de pequenas narrativas escritas e orais sobre fatos do cotidiano.
PONTOS NODAIS:	<ul style="list-style-type: none"> <li>Reportagem;</li> <li>crônica;</li> <li>sujeito indeterminado com SE;</li> <li>vozes verbais;</li> <li>agente da passiva;</li> <li>figuras de linguagem: comparação, metáfora, metonímia, eufemismo e ironia.</li> </ul>	

SEGUNDO TRIMESTRE		
<p>CARTA DO LEITOR/ COMENTÁRIOS EM REDES SOCIAIS E JORNAIS ONLINE CHARGES</p> <p>ENTREVISTAS</p> <p>BIOGRAFIA (LIVRE ESCOLHA DOS ESTUDANTES)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Elementos dos textos prototipicamente argumentativos: introdução às noções de tese e argumento;</li> <li>o posto, o pressuposto e o subentendido presente nas charges;</li> <li>análise da integração dos textos não-verbal e verbal (quando presente) para a compreensão da charge;</li> <li>análise da forte dependência do contexto de produção e do conhecimento prévio do leitor para a compreensão da charge;</li> <li>reconhecimento de estereótipos e clichês sociais e se esses são ou não desmontados pelas charges;</li> <li>o humor como forma de crítica;</li> <li>os efeitos de sentido produzidos pelas escolhas lexicais presentes nas charges;</li> <li>uso de modalizadores, como verbos e determinados tempos verbais;</li> <li>valor argumentativo do uso de certos adjetivos e advérbios;</li> <li>uso dos predicados nominal e verbo-nominal para fazer julgamentos de valor;</li> <li>figuras de linguagem: comparação, metáfora, metonímia, eufemismo, ironia e antítese;</li> <li>reconhecimento/ identificação de elementos do sistema da modalidade falada da língua: falsos começos, truncamentos, marcadores, correções etc;</li> <li>síntese de entrevistas a partir da ideia principal;</li> <li>estrutura da biografia: observar as diferenças entre a estrutura da biografia, o texto ficcional e o texto biográfico. Identificar a objetividade a partir do ponto de vista. A biografia não é só verdadeira, mas também verossímil;</li> <li>Entrevistas orais e escritas: identificação de marcas de oralidade que, no texto escrito, devem ser suprimidas, além de outros elementos típicos do sistema da fala que não são adequados aos textos escritos mais formais - como repetições, falsos começos, truncamentos, marcadores discursivos etc;</li> <li>adjunto adnominal;</li> </ul>	<p>Produção de cartas de leitores / comentários sobre temas da atualidade;</p> <p>análise e produção de charges;</p> <p>produção de texto verbal a partir da ideia apresentada pelo chargista;</p> <p>criação de tiras e quadrinhos através de narrativas em prosa;</p> <p>produção de entrevistas orais e/ ou escritas, selecionando um entrevistado, dentro da proposta de trabalho feita pelo professor;</p> <p>sugestão: retextualização de entrevistas orais para entrevistas escritas, caso o professor perceba que a turma é capaz de realizar a atividade (observação: não se trata de pedir transcrição de fala, apenas de adaptar o texto falado ao sistema da escrita, a fim de demonstrar aos estudantes que há elementos típicos e adequados à modalidade falada e outros, à modalidade escrita,</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>complemento nominal.</li> </ul>	levando em conta o gênero estudado). atividade livre sobre a biografia, à escolha do professor.
<b>PONTOS NODAIS:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Carta do leitor;</li> <li>predicado verbo-nominal;</li> <li>predicativos do sujeito e do objeto;</li> <li>complemento nominal.</li> </ul>	
<b>TERCEIRO TRIMESTRE</b>		
<b>POEMA LETRAS DE MÚSICA CONTO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>revisão de noções básicas do texto poético: verso e estrofe, refrão, rimas. Apresentação de poemas de formas fixas, como o soneto;</li> <li>elementos da narrativa - ênfase no narrador: observar as diferenças resultantes da alteração do foco narrativo;</li> <li>identificação do ponto de vista do narrador evidenciado na seleção dos verbos <i>dicendi</i>;</li> <li>estrutura do conto: observar diferentes formas de organização temporal e espacial (uso dos flashbacks e outras quebras na linearidade temporal), dentre outros elementos característicos desse gênero textual;</li> <li>discurso indireto livre: reconhecer o emprego dos diversos tipos de discurso (formas de reportar uma fala) - direto, indireto e indireto livre;</li> <li>aposto e complemento nominal (focando nos complementos ligados a adjetivos e advérbios, porém mostrando, também, a equivalência entre os complementos verbais e o complemento nominal);</li> <li>noção de transitividade como propriedade não apenas de verbos, mas também de nomes (substantivos deverbais, adjetivos e advérbios);</li> <li>período composto: relações de coordenação e subordinação;</li> <li>orações substantivas (foco nos valores sintáticos; trabalhar com redução e ampliação dos termos).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Produção de poemas e letra de música;</li> <li>produção de saraus da turma;</li> <li>produção de uma crônica a partir de um poema ou letra de música e vice-versa;</li> <li>produção de contos;</li> <li>apresentação de seminários sobre os contos dos países lusófonos africanos e de outros países.</li> </ul>
<b>PONTOS NODAIS:</b>	Poema; conto; funções sintáticas dos termos oracionais.	

Fonte: COLÉGIO PEDRO II, 2017/2020, p.429-431.

Como era previsto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Sexual deve ser tratada como um tema transversal, o que se torna viável tendo em vista os quadros expostos (quadros 4, 5, 6 e 7). Uma vez que o conteúdo esperado para Ciências é puramente biologizante e higienista, pode-se traçar abordagens que torne a discussão mais ampla e satisfatória, de acordo com o que esse trabalho se propõe.

Com Ciências Sociais há a possibilidade de trabalhar sobre a criação de identidade, a juventude, os comportamentos sociais e comunicação, pois, bem como o Quadro 4 expõe, os objetivos da aprendizagem são correlacionar a indústria cultural com a construção de uma identidade jovem, entender que a adolescência é uma construção social e a comunicação alternativa. Assim, como muito se viu ao longo desse trabalho, não se pode negar a importância das

mídias sociais, tanto para a identificação, inserção social, divulgação de conteúdo, quanto para a propagação de *fake news* e *cyberbullying*.

No quadro de História, quadro 5, diversos conceitos que deverão ser trabalhados nesse ano letivo também fazem conexão com a Educação Sexual, como: liberdade, igualdade, conservadorismo, sufrágio universal, movimentos sociais, diversidade cultural. Esses são alguns dos conceitos que trazem relevância para o feminismo e para movimentos LGBTQIA+. É possível utilizar o conteúdo de História para entender como o meio político-econômico interfere na maneira de pensar, nos ritos de passagem, do jeito de se expressar e como o crescente conservadorismo atrapalha os avanços que já ocorreram, como vimos no caso da BNCC.

Já nas Artes Visuais, quadro 6, não existe um tópico nítido que faça uma correlação direta com a temática aqui debatida. Porém, a utilização da arte para falar de emoção e da visão corporal pode ser uma forma de introduzir temas como aceitação e identificação corporal com os alunos.

Por último, no quadro de Português, quadro 7, pode-se notar alguns poucos pontos que se conectam com a temática, como é o caso reconhecimento de estereótipos. Contudo, a disciplina pode ser usada como um suporte para as atividades que são propostas nas seções especiais do livro. Como o conteúdo programático já espera que haja atividades como análise de reportagens e entrevistas, por exemplo, poderia haver uma interdisciplinaridade com as seções especiais do livro de Ciências que pedem que eles façam entrevistas e que analisem as propagandas e mídias.

Além da análise dos conteúdos programáticos, o documento também traz outras informações relevantes. No campus São Cristóvão III há o Laboratório de Sociologia Lincoln Bicalho Roque, onde há o desenvolvimento de projetos de extensão, onde uma das linhas de pesquisa é “Gênero e Sexualidade”. O Departamento de Primeiro Segmento também tem atividades de pesquisa e extensão, onde uma das temáticas também é “questões de gênero e sexualidade”.

O Colégio Pedro II conta também com Núcleos e Laboratórios de Pesquisa, como é o caso do Núcleo de Estudos e Ações em Gênero e

Sexualidade (ELOS), que é um núcleo multi-campi, que se propõe a trabalhar com duas linhas de pesquisa:

Reflexão, produção de conhecimento e atuação junto à comunidade escolar do Colégio Pedro II a respeito de questões sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar. Elaboração de ações e medidas que visem criar ambiente mais democrático e acessível à população LGBT do Colégio Pedro II.

(COLÉGIO PEDRO II, 2017/2020, p. 372)

A conclusão que se chega após essa análise é que a sexualidade e gênero é um tema vasto nos segmentos iniciais do Ensino Fundamental, sendo encontrado também no Ensino Médio, principalmente em Sociologia. Mas, no Ensino Fundamental II fica uma lacuna, não sendo abordado pelo Departamento de Ciências como seria previsto por conta do conteúdo programático.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um ensino mais inclusivo e abrangente, faz-se necessário que os livros de Ciências não estejam fechados em análises biológicas e higienistas, e sim que permitam as discussões que envolvam gênero, orientação sexual, papel social, entre outras abordagens sociais, psicológicas, culturais e integrativas. Assim, como propunha Britzman (1999), esse trabalho também tem como norte um modelo de Educação Sexual que exige comprometimento por parte dos autores da Educação – entendendo-os como os professores, funcionários escolares, alunos, responsáveis e comunidade.

Como visto, o livro didático tende a delimitar o currículo que deve ser trabalhado em cada segmento, o que pode gerar o engessamento das práticas pedagógicas e demonstra ser um objeto de poder. Sua utilização é comum no ambiente escolar, o que faz com que ele seja a materialização do currículo dentro dos muros da escola, sendo o seu conteúdo selecionado, de acordo com o que se pretende ensinar (MENDES; JESUS, 2018).

Essa seleção mencionada aumenta as dicotomias sociais e, como foi visto, acarreta o apagamento das minorias no que concerne a diversidade sexual. Assim, a feitura do livro didático não é apenas para o engessamento do currículo, como área de ganho econômico, o que faz com que ele precise estar em consonância com os desejos daqueles que o escolhem, garantindo que a obra elaborada esteja presente no PNLD. O livro didático, portanto, torna-se uma via de expressão de ideologias, tradições, valores e outras amarrações culturais (BITTENCOURT, 2008).

Para que a Educação Sexual seja valorosa para os alunos, ela precisa ser um local de conforto, entendendo que cada turma é particular e que haverá necessidades diferentes de abordagem. Logo, os profissionais da educação precisam estar comprometidos com esse ensino, sem preconceitos e, o mais importante, entendendo que será um desafio, uma construção diária, onde não haverá respostas prontas e genéricas que satisfarão os discentes (REIS; MUZZETI; LEÃO, 2014).

A diversidade – seja cultural, racial, étnica, sexual, social – deve ser prioridade na agenda de políticas públicas na educação básica, uma vez que a não representatividade no espaço escolar potencializa o processo de exclusão. Sabe-se que o processo de formação de identidade corporal é energicamente maior na fase da adolescência, então a escola precisa estar preparada para fazer parte desse momento como um local acolhedor.

Para isso, é de suma importância ensinar a temática biológica, com os aparelhos reprodutores, os hormônios, a embriologia, as mudanças corporais, as ISTs e as formas de prevenção da gravidez. Contudo, também é de mesma importância o trabalho de temáticas como gênero, sexualidade, cultura, adolescência e seus dilemas, o papel da mídia e das redes sociais para a formação de identidade, sentimentos, respeito e tantos outros temas que são relevantes para a formação cidadã dos discentes.

Ademais, é importante salientar que essa educação básica de qualidade só será possível se na formação acadêmica esse professor receba suporte por parte das instituições de ensino superior. Não pretendi indicar com esse trabalho os possíveis culpados, mas compreendo que a educação escolar, seja qual for a temática envolvida, nada mais é que uma prática carregada de significados sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Vitor Lopes. Raça, gênero e sexualidade em livros didáticos. **Revista Ártemis**, v.26, n.1, p.406-410, dez 2018.

ARRUDA, Emanoela Priscilla Toledo *et al.* Sexual practices during adolescence. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetria**, v.42, n.11, p.731–738, 2020.

AVEIRO, Mariana Chaves; GARCIA, Ana Paula Urdiales; DRIUSSO, Patrícia. Efetividade de intervenções fisioterapêuticas para o vaginismo: uma revisão da literatura. **Fisioterapia Pesquisa**. São Paulo, v. 16, n. 3, p. 279-283, set 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-29502009000300016&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-29502009000300016&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 out. 2018.

BARBOSA, Luciana Uchôa; VIÇOSA, Cátia Silene Carrazoni Lopes; FOLMER, Vanderlei. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.11, n.10, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, p. 69-90, 2008.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêchoux e a Teoria da Análise de Discurso: Desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Goiânia, v.15, n.1, p.171-182, jan-jun 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Saúde. Brasília, MEC/SEF. 1998a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/saude.pdf>. Acesso em: 18 jun 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Orientação Sexual. Brasília, MEC/SEF. 1998b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/saude.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para 5ª a 8ª séries. Brasília, MEC/SEF. 1998c. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnaes/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12657-parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, MEC/SEF. 2000. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 18 jun 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Terceira versão revista, Brasília. 2017.

BRASIL. Ministério Da Saúde. 20 anos de pesquisa sobre aborto no Brasil. Brasília: Editora MS, p.72, 2009.

BRASIL. Ministério Da Saúde. Boletim Epidemiológico: HIV/Aids. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde, dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: 2021. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em 20 jul 2021.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, p.83-112, 1999.

BUENO, Rita Cássia Pereira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação sexual no brasil: apontamentos para reflexão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.29, n.1, p.49-56, 2018.

BUFFON, Alessandra Daniela. A astronomia e os livros didáticos de ciências: uma comparação entre o PNLD 2017 e o PNLD 2020. **Arquivos do Mudi**, v.23, n.3, p.41-50, 2000.

CARDOSO, Fernando Luiz. O Conceito de Orientação Sexual na Encruzilhada entre Sexo, Gênero e Motricidade. **Interamerican Journal of Psychology**, Austin, v. 42, n. 1, p. 69-79, abr 2008.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.15, n.4, p. 679-684, out-dez 2006.

COLÉGIO PEDRO II. **Projeto Político Pedagógico Institucional**. Rio de Janeiro, 2017/2020.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar**, Curitiba, n. 30, p. 77-87, 2007.

FIGUEIREDO, Marcia Camili; MORAES, Monike Pegoraro de. LDQ do PNLD: análise e efeitos no planejamento de ensino do professor. **Ensino & Multidisciplinaridade**, São Luís, v.3, n.2, p.29-45, jul-dez 2017.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Revendo a história da educação sexual no brasil: ponto de partida para construção de um novo rumo. **Nuances**, v.4, set 1998.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (org.). **Educação sexual**: Múltiplos temas, compromissos comuns. Loderina: UEL, 2009.

FILGUEIRAS, Juliana Miranda. **Os processos de avaliação de livros didáticos no Brasil (1938-1984)**. Tese (Doutora do em educação: história, política, sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2011.

FILHO, Alípio de Sousa. A política do conceito: subversiva ou conservadora? Crítica à essencialização do conceito de orientação sexual. **Bagoas**, v.3, n.4, p.59-77, 2009.

FONSECA, Amanda Bahia; BATISTA, Maria Aline Souza; SANTANA, Ramiro Rodrigues Coni. Diagnóstico tardio de HIV na terceira idade: uma análise de reportagens veiculadas na mídia. **Revista psicologia, diversidade e saúde**, v.9, n.1, p.24-34, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FURLANETTO, Milene Fontana *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v.48, n.168, p.550-571, abr-jun 2018.

FURLANI, Jimena. Representações da mulher e do feminino na mídia impressa brasileira: desconstruindo significados na Educação Sexual. In: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade**. Curitiba: SEED, 2009.

FURLANI, Jimena. Abordagens contemporâneas para a educação sexual. In: FURLANI, Jimena (Org.). **Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Florianópolis: UDESC, p. 18-42, 2008.

GONTIJO, C. M. M. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Comentários Críticos. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAIf**, Vitória, v.1, n.2, p.174-190, jul-dez 2015.

GRAMOWSKI, Vilmarise Bobato; DELIZOICOV, Nadir Castilho; MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. O PNLD e os guias dos livros didáticos de ciências (1999 – 2014): uma análise possível. **Ensaio**, Belo Horizonte, v.19, 2017.

JUNIOR, Francisco Ubaldo Vieira; VIEIRA, Katia Maria Rosa; MORETTI, Andrezza Campos. Bullying com adolescentes escolares em diferentes contextos educacionais. **Revista de Enfermagem UFPE online**, 2014.

KRASILCHIK, Myriam. Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n.1, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, p.14-36, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v.19, n.2, mai-ago 2008.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: Princípios para a ação. **Doxa**, v.15, n.1, p.75-84, jan 2011

MALTA, D. C. *et al.* Orientações de saúde reprodutiva recebidas na escola: uma análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar nas capitais brasileiras e no Distrito Federal de 2009. **Epidemiol Serv Saude**. v.20, n.4, p.481–490, 2011.

MELLO, Tyrone Andrade de; TONINI, Ivaine Maria. **Gênero e sexualidade**: onde estão no livro didático de geografia? XIII ENANPEGE, São Paulo, set 2019.

MENDES, Luís César Castrillon; JESUS, Dánie Marcelo de. Identidades e relações de gênero nos guias do programa nacional dos livros didáticos de História e Português para o ensino médio. **Educação Pública**, Cuiabá, v.27, n.65/2, p.693-712, maio-ago 2018.

MOLINA, Ana Maria Ricci; SANTOS, Welson Barbosa. Educação sexual e currículo de ciências/biologia: desafios à prática docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.13, n. 3, p. 1149-1163, jul-set 2018.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. **Pesquisa e Ensino**, Barreiras, v.1, p.1-24, mai 2020.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Os parâmetros curriculares nacionais em questão. **Educação e Realidade**, v.21, n.1, p.9-22, jan-jun, 1996.

NETO, Jorge Megid; FRACALANZA, Hilário. O livro didático de ciências: problemas e soluções. **Ciência e Educação**, v.9, n.2, p.147-157, 2003.

PAN American Health Organization/ World Health Organization. **Promotion of Sexual Health**: recommendations for action. Guatemala. 2000. Disponível em: <http://www.paho.org/english/hcp/hca/promotionsexualhealth>. Acesso em: 13 out 2020.

PEREIRA, Ana Maria *et al.* **Apoema**: ciências 8, 1 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2018.

PINHEIRO, Aldrin de Souza; SILVA, Lucia Rejane Gomes da; TOURINHO, Maria Berenice Alho da Costa. A estratégica saúde da família e a escola na educação sexual: uma perspectiva de intersectorialidade. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 803-822, set.-dez. 2017.

REIS, Fernanda; MUZZETI, Luci Regina; LEÃO, Andreza Marques de Castro. Sexualidade e infância: contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em veículos midiáticos. **Contrapontos**, Araraquara, v.14, n.3, set-dez 2014.

REIS, Giselle Volpato dos; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In.: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; MAIA, Ari Fernando (org). **Sexualidade e infância**. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, p.35-42, 2005.

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 7-25, 2016.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza. Avanços e retrocessos da educação sexual no Brasil: apontamentos a partir da eleição presidencial de 2018. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.14, n.2, p.1254-1264, jun 2019.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação para a sexualidade. **Diversidade e Educação**, v.5, n.2, p-07-15, 2017.

ROSA, Marcelo D'Aquino. O programa nacional do livro didático (PNLD) e os livros didáticos de ciências. **Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino**, Cornélio Procópio, v.1, n.2, p.132-149, 2017.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação sexual na escola. **Caderno Pesquisa**, São Paulo, n.53, p.11-19, mai 1985.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v.6, n.1, p.383-387, mai 2012.

SANTOS, Luis Guilherme Teixeira dos; SANTOS, Ana Laura Calanzans dos; MIRANDA, Joseval dos Reis. **Sex Education**: uma análise sobre a importância da mídia para a educação sexual. VI Congresso Nacional de Educação, out 2020.

SEIXAS, Sônia Raquel; FERNANDES, Luis; MORAIS, Tito de. Bullying e cyberbullying em idade escolar. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v.7, p.1-2, 2016.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. **Revista NUFEN**, v.5, n.1, p.12-25jan.-jul., 2013.

SILVA, Caio Samuel Franciscati da; BRANCALEONI, Ana Paula Leivar; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de. Base Nacional comum curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.14, n.2, p.1538-1555, jul 2019.

SILVA, Carmen da. Pela enésima vez o Brasil redescobre a Educação Sexual. **Revista Cláudia**, out 1978.

TCHALIAN, Vicente. **Transmasculinidades**: Invisibilidade, escassez de informações e apagamento histórico. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498416889\\_ARQUIVO\\_ArtigoCompletoVicenteTchalianFG2017.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498416889_ARQUIVO_ArtigoCompletoVicenteTchalianFG2017.pdf). Acesso em 03 jul. 2021.